

ALDREY OLEGARIO

O AMIANTO QUE RESTOU EM NÓS

histórias da primeira fábrica da Eternit no Brasil

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO

O AMIANTO QUE RESTOU EM NÓS

histórias da primeira fábrica da Eternit no Brasil

Aldrey Olegario

São Paulo
2025

Autorizo a reprodução e divulgação de partes deste trabalho para fins acadêmicos e/ou de divulgação eletrônica, desde que mencionada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pela autora

Olegario, Aldrey
O amianto que restou em nós: histórias da primeira fábrica da Eternit no Brasil/ Aldrey Olegario. Orientador, Dennis de Oliveira. São Paulo, 2025.
131 p.

Trabalho de Conclusão de Curso - Departamento de Jornalismo e Editoração/ Escola de Comunicações e Artes/ Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. Amianto 2. Eternit. 3. Exposição ambiental 4. Exposição ocupacional 5. Saúde do trabalhador. I. Oliveira, Dennis de. II. Título

---

"Maldonado tem todo direito de que seus sonhos sejam construídos de palavras. Cada tijolo é um verbo, um artigo, um adjetivo e assim a construção cresce, levanta escadas e se transforma num túnel alto que pode comunicar o céu com o inferno."

Nona Fernández


MEMORIAL DAS VÍTI
IN ME
Claudio Gageti
Claudio Yerisi
Claudionor Curcino
Claudionor Ribeiro Dias
Clay Sousa
Cleia Marques Alves
Cleomenes Dias de Moraes
Clever José Batista
Clodoaldo Gonçalves
Clovis Venancio de Arruda
Constantino Juvencio Vieira
Daniel Adriano de Oliveira
Daniel Auto Miranda
Daniel Lourenço de Albuquerque
Daniel Peagno
Dante Untura Filho
Darcio Correa de Albuquerque
Décio de Pieri
Demercy Dopp
Deusdete Brito
Deusdete Lima
Deusdete Marques Brandão
Digerson Elias de Souza
Diolino Paixão da Silva
Diomar Marangoni
Diomário Pereira Silva
Dirceu Gabban
Djalma de Almeida Souza
Djalma Santos da Silva
Djalma Silva Santos Filho
Domingos Ficoni
Donato Deomicio Lopes
Donizete Gomes de Oliveira
Donzilio Pacheco Ribeiro
Ducilia Ferreira da Costa
Elano Paviano da Silva
Elias Correia Alves
Elias Ventura da Silva
Elidio Pelegrini
Eliseu Rodrigues dos Santos
Emilia Miranda Dias
Enito Antão Bezerra
Enivaldo Silva
Eraldo Xek
Erico Alves
Erivaldo Silva Souza
Ermenegildo Cardoso de Almeida
Ernesto Correia de Amorim
Erotildes Novaes Barreto
Esdras Vaz Sampaio
Esmeraldo dos Santos Teixeira
Euclides José Avila
Euclides José da Cruz
Eugenio Libarino
Euli Soares da Silva
Everaldo Rocha Silva
Évio Gomes Caramuru
Fausto Soares Pereira
Feliciano de Jesus
Felicio Zanoti
Fernando Brito Ferreira
Fernando José Chierici
Fernando Luiz Marcondes Osorio
Fernando Nunes
Fernando Radesc
Fernando Raposo
Fidelcino Pacheco Ribeiro
Filomeno Rodrigues de Oliveira
Firmino Pereira
Firmo Luiz Ferreira
Firmo Teixeira
Flaucidio Rodrigues Nascimento
Florêncio Ribeiro de Souza
Florentino Libarino Oliveira
Florisberto Tavera dos Santos
Francisco Américo
Francisco Andrade da Silveira
Francisco Angelozzi
Francisco Campos Vieira
Francisco João Narcizo
Francisco Libarino Oliveira
Francisco Liro Batista
Francisco Lopes
Francisco Marcolino Gomes
Francisco Silva Borges
Gabriel Gonçalves Santos
Genésio Diniz Medeiros
Geraldo Barbosa Soares
Geraldo Bonani
Geraldo Correia Gomes
Geraldo da Silva Simões
Geraldo Falco
Geraldo Gonçalves
Geraldo Leopoldino de Melo
Geraldo Luis de Macedo
Germano José dos Santos
Gervino Cunha
Getúlio Dias da Silva
Gilberto Monezzi
Gilberto Roque Rocco
Gilberto Salote
Gildasio Ribeiro da Silva
Guilherme de Camargo
Guilherme Venesian
Helenita dos Santos Teixeira
Heleno Mariano Gomes
Heleno Otaviano da Silva
Hélio Aparecido Leme da Conceição
Henrique da Silva Simões
Hermenegildo Vieira do Nascimento
Heronides Jenuino Amâncio
Hildete Campos dos Santos
Humberto Celso
Hylario Jose Batista
Inácio Souza Pires
Inocencio Artur de Oliveira
Iraci Fagundes da Silva
Iraci Ferreira dos Santos
Ireno Venezian
Iria Comar Grandini
Isaque da Costa e Silva Filho
Israel Teixeira
Ivair Medeiros
Ivaldo Daniel Oliveira
Ivanildo Correia Monteiro
Jair Honório Domingos
Jalcio Rodrigues Moreira
Jason Antonio Costa
Jason Cunha
Jesus Inácio da Silva
Jildevan Sena de Queiro
João Almeida
João Antonio da Silva
João Augusto de Oli
João Baptista Mor
João Batista Bel
João Batista Sa
João Benedito
João Bezerr
João Canc
João Cur
João d
João
Joã
Jo


MAS DO AMIANTO
MORIAM
João Rodrigues da Silva
João Soares Silva
João Toledo
Joaquim de Souza Brito
Joaquim Teixeira
Joel Batista Souza
Joel do Carmo Fritsche
Jonas José dos Santos
Jordelino Xavier
Jorge Nogueira Machado
Jorge Pereira
Jorge Souza Gomes
Josafá Pedro dos Santos
João Francisco Caçador
João Francisco de Assis
João Francisco Gomes
João Francisco Grabenweger
João Franco de Almeida
João Garofalo
João Gaspar dos Reis
João Gonçalo
João Gonçalves Molina
João Gondaline
João Gonzalez Armal
João Honorato
João Leitão Neto
João Leosvaldo Munhoz Moreno
João Lopes Rubio
José Francisco dos Santos
José Francisco Rosa
José Gomes da Silva
José Gonçalves
José Gonçalves da Paixão
José Guilhermino Filho
José Guimarães da Silva
José Herculano da Silva
José Jesus Pessoa
José Lucas de Oliveira
José Luiz dos Santos
José Luiz dos Santos Simões
José Maciel da Silva
José Manoel Pereira da Cunha
José Marcolino Gomes
José Memésio dos Santos
José Almeida
José Alves Barreto
José Alves de Senna
José Amadi
José André Rosa
José Antonio de Carvalho
José Antonio Fernandes
José Antonio Franco
José Antonio Gonçalves
José Araújo Guerra
José Avelino Sobrinho
José Barreiros
José Batista da Silva
José Bezerra
José Biasolli
José Brabo
José Cabral
José Carlos Benedetti
José Carlos Escorcio
José Carlos Joaquim
José Carlos Sena
José Cunha
José de Fátima dos Santos
José Dias
José Dias dos Santos
José dos Reis
José Epifanio dos Santos
José Flaviano da Silva
José Francisco da Silva
José Momi
José Nilton Vieira
José Norberto Dias
José Patrício Irmão
José Paulo Cipriano
José Pereira
José Pereira da Silva
José Pereira de Oliveira
José Peres da Silva
José Perez Carrion
José Phifano
José Pinto
José Pompilio
José Ramos de Oliveira
José Ribeiro da Silva
José Ribeiro Leão
José Rodrigues Ferreira
José Roncadim
José Rosa Xisto
José Serrano
José Severino da Silva
José Severino de Freitas
José Severino Irmão
José Severino Manoel Duda
José Silva Nascimento
Jurandir Reis De Freitas
Juscelino Bonifácio Pereira
Juvenal Bleyler
Juvenal Martins Costa Filho
Juvenal Pereira de Castro
Lenicio Teixeira Lopes
Leonidas Souza Lima
Leonino Pires de Godoy
Liberato Souza Campos
Lino João da Silva
Lino Mantovani
Ludemel Lima
Luiz Belloni
Luiz Antonio Benedito
Luiz Carlos dos Santos
Luiz Carlos Guerreiro
Luiz Ferreira da Silva
Luiz Fortunato
Luiz Francisco
Luiz Gonzaga Leandro
Luiz Henrique de Oliveira Xavier

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Niceia, por ter feito tudo o que era possível para que eu pudesse seguir os caminhos que me levaram até a Universidade de São Paulo. Por ter me acompanhado à rodoviária todas as vezes, sem exceção, que deixei Piracicaba rumo a São Paulo — desde o primeiro dia da graduação até o último. Agradeço por suas buscas nos sebos e bancas atrás dos livros e materiais de que precisei na época do vestibular. Agradeço por você ter acreditado em mim. E, neste momento em particular, agradeço por ter atendido minhas ligações feitas em horários inoportunos, ter me aconselhado. Admiro seu esforço e sou grata por dançar músicas e a vida ao seu lado.

Ao meu pai, Agnaldo, por ter me incentivado a priorizar os estudos e pelo exemplo de foco e autodidatismo, que me influenciaram a olhar para o mundo com mais curiosidade. Agradeço por todos os dias em que acordou cedo para trabalhar, os quais também me permitiram ter acesso aos caminhos que me levaram até a Universidade de São Paulo. Agradeço pelos gibis da Turma da Mônica, coleção Vaga-Lume, cartilhas Caminho Suave e pelos passeios de patins quando eu era criança.

À minha irmã, Nicoly, por ser minha companhia e a primeira leitora e crítica de meus textos. Agradeço por você ser alguém que encara a vida de forma mais leve, o que me inspira a tentar fazer isso também. Sou grata por ter crescido ao seu lado e ter vivido a infância mais divertida que eu poderia ter tido. Agradeço pelas vezes que me ouviu e pelas outras que entendeu meu silêncio.

Ao professor Dennis de Oliveira, por ter aceitado ser meu orientador neste trabalho e pelos direcionamentos e sugestões que me guiaram no processo de produção.

Agradeço à Universidade de São Paulo porque através dela vivi algumas das melhores experiências de minha vida. Ser estudante da USP levou-me a atravessar portas das quais nunca cogitei — uma sucessão de experiências que fizeram-me pensar de uma forma um pouco mais otimista e a criar outras expectativas.

Agradeço a todas as pessoas que conheci e com quem conversei para a realização deste livro-reportagem. Em especial, ao Devanir da Silva, Doracy Maggion, Gizelia Vicentin, Maria Aparecida Lourenço, Fatima Neves, Jeto dos Santos, Fernanda Giannasi e Eliezer de Souza por terem compartilhado comigo seu tempo e suas histórias. Agradeço pelos bolos, cafés, brigadeiros e pães que comemos durante as entrevistas. Também agradeço aos pesquisadores Hermano de Albuquerque Castro, Eliana Guimarães Félix, Olívia Pasqualeto e Pedro Lombardi Filho pelas explicações que me ajudaram a compreender a temática deste trabalho.

Também agradeço ao Tempo, por ser uma grandeza irremediável. É sua passagem cronológica e psicológica que me permite sentir as felicidades da vida e aprender a lidar com as coisas esquisitas da existência humana.

LISTA DE ABREVIAÇÕES

Abrea	Associação Brasileira dos Expostos ao Amianto
Cipa	Comissão Interna de Prevenção de Acidentes e de Assédio
DAR(s)	Doenças Asbesto-Relacionadas
EPI	Equipamento de Proteção Individual
FGV	Fundação Getulio Vargas
Fiocruz	Fundação Oswaldo Cruz
Fundacentro	Fundação Jorge Duprat Figueiredo, de Segurança e Medicina do Trabalho
Iarc	Agência Internacional de Pesquisa em Câncer
Ibas	Secretaria Internacional para o Banimento do Amianto
Inca	Instituto Nacional de Câncer
LDRT	Lista de Doenças Relacionadas ao Trabalho
Mobral	Movimento Brasileiro de Alfabetização
OMS	Organização Mundial da Saúde
Sama	S. A. Minerações Associadas
Saiac	Sociedades Associadas das Indústrias de Amianto-Cimento
Secor	Sindicato dos Comerciários de Osasco e Região
STF	Supremo Tribunal Federal
TRT	Tribunal Regional do Trabalho
TST	Tribunal Superior do Trabalho
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Devanir Maria da Silva [p.33]

Doracy Maggion [p. 40; 47-48]

Eliezer João de Souza [p. 97]

Fatima Neves [p.73]

Fernanda Giannasi [p. 107]

Gizelia Vicentin [p. 58]

Maria Aparecida Lourenço [p. 69]

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 14

1. CAMPO MINADO DE PÓ 21

1.1 IMPRESSÃO DIGITAL 29

1.2 COISAS OCULTAS 38

2. CASO EU NÃO VOLTE, CONTINUE 52

3. ÁGUA E SABÃO 62

4. A LUTA E O LOBBY 81

4.1 UM ELO PELA VIDA 94

4.2 OLHOS VIGILANTES 102

5. OS RASTROS 114

A VERDADEIRA MARCA DA CORUJA 123

REFERÊNCIAS 126

INTRODUÇÃO

O Brasil ocupa o terceiro lugar no ranking mundial de reservas de amianto, atrás apenas da Rússia e da China. A reserva lavrável de amianto crisotila, isto é, que apresenta viabilidade técnica e econômica para ser extraída, ultrapassa 10 milhões de toneladas. Devido a isso, capturou a atenção da indústria do amianto ainda na década de 1930. O grupo francês Brasilit chega ao país em 1939; o grupo belga Eternit, em 1940. É a partir da parceria entre os proprietários da Eternit belga e da Eternit suíça que nasce a Eternit do Brasil Cimento Amianto S.A[1].

A exploração e o uso do amianto avançavam no país e no mundo ao longo daquele século 20, e as pesquisas sobre seus efeitos na saúde humana também. O controle dos interesses dos produtores de cimento-amianto foi feito sobretudo através da criação do cartel Saiac (Sociedades Associadas das Indústrias de Amianto-Cimento) pelo bilionário Stephan Ernst Schmidheiny, então dono da Eternit suíça, junto a empresa britânica (também fabricante de amianto) Turner & Newall.

A coordenadora da Secretaria Internacional para o Banimento do Amianto (IBAS) Laurie Kazan-Allen escreve no livro *Eternit e o grande julgamento do amianto* que:

> "Os membros do SAIAC concordaram em trocar conhecimentos técnicos, centralizar atividades de

1 GIANNASI, Fernanda. A Eternit no Brasil. Eternit e o grande julgamento do amianto. Central Única dos Trabalhadores, 2012, p. 70. Disponível em: <https://www.fenprof.pt/media/download/14575B8EF0177A1D08726AEDD-21CDCE0/livro-20novo.pdf>

> pesquisa, padronizar intervalos de produção e organizar o negócio de exportação. Trabalhando juntos, os membros do Saiac dividiram mercados globais, pressionaram governos nacionais, fizeram preços no varejo e extraíram termos comerciais favoráveis de produtores de amianto." (*Eternit e o grande julgamento do amianto*, 2012, p. 9).

Uma forma de entender os efeitos práticos das articulações do Saiac é a partir de uma investigação feita pelo próprio cartel em 1950, explicada em detalhes pelo advogado holândes Bob Ruers no mesmo livro. À época, surgia na Holanda uma proposta de lei que buscava restringir o uso do amianto no país, em resposta a classificação da asbestose (doença relacionada à exposição ao amianto) como uma doença ocupacional pelo governo holândes. Pressionada pelo cenário que se apresentava, a Eternit holandesa (que respondia à Eternit belga) exigiu um posicionamento do Saiac. O cartel, então, abriu uma investigação sobre os casos de asbestose entre seus fabricantes[2]. A resposta enviada pela Eternit belga ao Saiac seria sintomática:

> "Você deve lembrar-se que nós mesmos já chamamos sua atenção à asbestose em nossa carta de 15 de maio de 1931. Em 1933, recebemos o relatório de Dr. E.R.A. Merewether, o qual foi discutido em julho de 1933 na sétima sessão do Comitê de Correspondência de Saúde Indústrial da Secretária Internacional do Trabalho, e desde então temos constantemente

2 RUERS, Bob. A eternit e o cartel SAIAC. Eternit e o grande julgamento do amianto. Central Única dos Trabalhadores, 2012, p. 15-19. Disponível em: <https://www.fenprof.pt/media/download/14575B8EF0177A1D08726AEDD-21CDCE0/livro-20novo.pdf>

> nos ocupado com medidas preventivas, das quais estamos cientes já há muitos anos [...]." (*Eternit e o grande julgamento do amianto*, 2012, p. 17).

A conclusão da investigação, porém, foi de que não havia risco de asbestose ou que o risco era muito baixo. Em resumo, significa que, cerca de 10 anos antes de estabelecerem a primeira fábrica em solo brasileiro, os dois grupos que dariam origem à Eternit Brasil em Osasco já discutiam sobre a ocorrência de doença associada à exposição ao amianto.

Em Osasco, cerca de 10 mil trabalhadores passaram pela fábrica da Eternit entre 1941 e 1993, ano em que foram encerradas as atividades no município[3]. As pessoas contratadas nesse período sequer faziam ideia de que lidavam com um agente nocivo à sua saúde. Durante o turno, respiravam as fibras do amianto dispersas dentro do ambiente de trabalho. Fora do trabalho, carregavam-nas para dentro de suas casas através de rejeitos da fábrica e da própria roupa.

De acordo com a IARC (Agência Internacional de Pesquisa em Câncer), não há níveis seguros de exposição ao amianto. Em 29 de novembro de 2017, o STF (Supremo Tribunal Federal) declarou (por 7 votos a 2) a inconstitucionalidade da lei que permitia a utilização do amianto crisotila em território nacional. A partir desta decisão, estava proibido a extração, comercialização e uso do amianto no país. Mas esse não seria o fim definitivo. Em 2019, através da Lei 20.514, sancionada pelo governador de Goiás Ronaldo Caiado, autorizou-se:

---

3 Dossiê Amianto Brasil, 2010, p. 573. Disponível em: <https://abrea.org.br/comissao-do-meio-ambiente-e-desenvolvimento-sustentavel-cmads-da-camara-dos-deputados-dossie-amianto-brasil/>

> para fins exclusivos de exportação, a extração e o beneficiamento do amianto da variedade crisotila no Estado de Goiás. (Lei nº 20.514, 2019).

Com essa autorização, a Sama — adquirida integralmente pelo grupo Eternit em 1997 — voltou a extrair o amianto crisotila na mina Cana Brava, em Minaçu. Hoje, o Brasil é o terceiro maior produtor de amianto no mundo. O que quer dizer também que ainda há trabalhadores e comunidades expostos a um agente reconhecidamente cancerígeno.

Banido em mais de 70 países, o amianto (também conhecido como asbesto) encontra refúgio em nações onde há brechas legais ou onde o banimento caminha a passos lentos — essa dinâmica ocorre como uma expressão do neoliberalismo, que além de definir onde concentram-se os lucros, estabelece onde a permanência dos riscos está autorizada. Entre 2017 e 2025, os principais destinos do asbesto brasileiro foram a Índia, Indonésia e Bangladesh[4].

O número de trabalhadores expostos ao amianto no Brasil ainda é incerto. A estimativa do Projeto CAREX (Carcinogen Exposure) Brasil, que sistematiza informações sobre exposição cancerígena em ambientes de trabalho, é de que, em média, 3,6 milhões de trabalhadores foram expostos por ano ao amianto entre 2006 e 2020 — os setores com as maiores taxas de exposição foram o de construção (43,69%), indústrias de transformação (6,43%) e indústrias extrativas (5,91%)[5].

---

4 Consultar em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiMDVkYzJhMDUtYTFkMi00NTlkLTk1OTEtNDk4M2E0YzJmNWE4IiwidCI6ImEzMDgzZTIxLTc0OWItNDUzNC05YWZhLTU0Y2MzMTg4OTdiOCJ9>

5 Consultar em: <https://public.tableau.com/app/profile/augusto.campos/viz/Carex-Estimativas/CarexBrasil>

Em resposta obtida via Lei de Acesso à Informação (LAI), a Coordenação-Geral de Vigilância em Saúde do Trabalhador (CGSAT), do Ministério da Saúde, diz que está produzindo, em parceria com o Inca e a Fundacentro, uma Matriz de Exposição Ocupacional ao amianto. Também informou que está em desenvolvimento o Sistema Brasileiro de Monitoramento de Trabalhadores e Populações Expostos ao Amianto, composto pelas plataformas online Datamianto e o Datamianto BI (Business Intelligence), que irão funcionar como banco de dados para registro de atendimento, acompanhamento, recuperação de dados, monitoramento dos trabalhadores e das populações expostas ao amianto no país.

De acordo com o relatório *Saúde Brasil 2019: uma análise da situação de saúde com enfoque nas doenças imunopreveníveis e na imunização*[6], foram registradas 4,7 mil mortes relacionadas à exposição ao amianto no país entre 1996 e 2018. O estado de São Paulo concentra a maioria das mortes (33,26%), seguido do Rio de Janeiro (12,02%), Minas Gerais (9,93%) e Rio Grande do Sul (8,47%).

Após a proibição do uso do asbesto, as indústrias de fibrocimento no país passaram a substituir o mineral com outras matérias-primas. A Eternit, por exemplo, substituiu as fibras do crisotila pelas de polipropileno, um tipo de plástico.

O amianto, então, começaria a ser tratado pelas empresas como uma página virada. Do outro lado, os ex-trabalhadores dessas fábricas — acometidos por doenças pulmonares, pleurais e cânceres devido à exposição ao mineral — e seus familiares estão

6 Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_brasil_2019_analise_situacao.pdf>

longe de dizer que esta é uma história que fora superada. Os relatos acerca desta realidade você encontrará nas páginas a seguir.

No capítulo 1, *Campo minado de pó*, será apresentado o ambiente da fábrica da Eternit de Osasco e a popularização do cimento-amianto no setor de construção. Aqui, a partir dos relatos de ex-trabalhadores, estão descritas as formas como a exposição às fibras de amianto ocorriam no contexto ocupacional. É neste momento também que são explicadas as doenças asbesto-relacionadas (DARs) que são citadas no decorrer do livro. As histórias de Doracy Maggion e Devanir da Silva, ex-trabalhadores da Eternit de Osasco, mostram como é viver com doenças causadas pelo amianto.

No capítulo 2, *Caso eu não volte, continue*, conheceremos a história de Aldo Vicentin, morto devido ao mesotelioma pleural. Nesta parte, será abordada a morte em decorrência das DARs e seu efeito na dimensão familiar. Quem conta a história do ex-trabalhador é Gizelia Vicentin, com quem foi casado.

O capítulo 3, *Água e sabão*, trata da exposição ambiental ao amianto. Aqui, o foco é a contaminação no ambiente doméstico, que ocorria quando as esposas desses ex-trabalhadores lavavam os uniformes de seus maridos. Neste momento, Maria Aparecida e Fatima Neves descrevem o processo de higienização das roupas e outros meios pelos quais as fibras de amianto adentravam seus lares. Ainda, conheceremos as histórias dos ex-trabalhadores Cícero de Oliveira e Jeto dos Santos, bem como os reflexos da exposição ocupacional ao amianto em suas vidas.

Já o capítulo 4, *A luta e o lobby*, trata das mobilizações para o banimento do mineral e das articulações da indústria do amianto para a manutenção da cadeia produtiva do asbesto. Veremos a criação da Associação Brasileira de Expostos ao Amianto (Abrea),

a atuação de Fernanda Giannasi, engenheira civil de segurança do trabalho e uma das fundadoras da associação, e como a comunidade científica reconheceu as DARs ao longo do tempo.

Por fim, o capítulo 5, *Os rastros,* aborda a questão dos passivos ambientais da cadeia produtiva do amianto e os desafios para a desamiantagem. Nesta parte, veremos como os materiais à base de amianto, ainda presentes em milhões de casas e construções brasileiras, apresentam-se como uma preocupação do ponto de vista ambiental e de saúde pública.

1.

CAMPO MINADO DE PÓ

Era o ano de 1941 quando a Eternit começara a ser instalada em Osasco, que à época ainda era considerada distrito da cidade de São Paulo. Ocupando uma área equivalente a cerca de três vezes o tamanho de um campo de futebol, seria a maior fábrica do grupo suiço-belga na América Latina.

Osasco passava pelo início da fase mais expressiva de seu processo de industrialização e urbanização. Viu sua população mais que dobrar — foi de 15 mil habitantes para 41 mil habitantes entre o início e o fim daquela década. A migração de pessoas vindas de diferentes regiões do país fora um efeito das indústrias que se estabeleciam ali, mas também um reflexo do processo de expulsão das áreas em valorização na capital paulista[7].

Estrategicamente localizada na Estrada de Itu (atual Avenida dos Autonomistas), a planta de Osasco tinha fácil acesso à cidade de São Paulo. A construção da fábrica foi finalizada em 1942. A partir de então, deu-se início à produção de uma série de materiais usados na indústria civil como telhas, caixas d' água e tubulações.

Esses produtos eram feitos a partir de uma mistura feita de cimento e amianto — um tipo de fibra mineral caracterizada por ser isolante, resistente do ponto de vista físico-químico, durável e apresentada como a novidade da vez no setor. O cimento-amianto se popularizaria em solo brasileiro como símbolo da construção civil moderna e ao mesmo tempo acessível.

Uma propaganda sobre a construção do luxuoso cinema São Luiz (atual Kinoplex), no Rio de Janeiro, publicada na edição de 1941 da revista de arquitetura Acrópole diz: "O material de cimen-

7 OLIVEIRA. Sérgio LS. O grupo (de esquerda) de Osasco: movimento estudantil, sindicato e guerrilha, 2011, p. 30-31. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-25062012-164453/publico/2011_SergioLuizSantosDeOliveira_VOrig.pdf>

to amianto Eternit é muito leve, econômico, resistente à flexão e à pressão, inalterável e inatacável pelos agentes atmosféricos".





À esquerda, exemplo de anúncio veiculado na Revista Acrópole sobre o uso de materiais à base de cimento-amianto em grandes construções pelo país, como o cinema São Luiz (1941); à direita, anúncio publicado na Revista de Química Industrial (1951). Fonte: extraído de Revista Acrópole, nº 41, setembro de 1941/FAU-USP; Revista de Química Industrial, nº 228, abril de 1951/Associação Brasileira de Química.

À primeira vista, tratava-se de mais um trunfo do recém-iniciado crescimento urbano-industrial de Osasco, que viria ser conhecida como "cidade-trabalho". Mas essa seria a história contada pela indústria do asbesto até as primeiras páginas. Isso porque havia um aspecto daquele mineral que não seria divulgado, tampouco estamparia textos publicitários: o fato de que o

amianto, apelidado pelo setor como *"mineral mágico"*, oferecia riscos elevados à saúde humana[8].

***

Quem passava pelo Cebolão de Osasco (atual Viaduto Metálico Reinaldo de Oliveira) logo avistava o letreiro vermelho da Eternit próximo à rotatória. Do lado externo da fábrica, via-se o revestimento feito com as telhas onduladas de cimento-amianto, que foram utilizadas tanto para a cobertura como para as paredes. Já na parte interna, estavam os trabalhadores, divididos por máquinas e etapa da linha de produção.

Cada setor tinha sua especificidade. Em um, eram preparadas as massas de cimento-amianto. No outro, essa mistura base era colocada nos moldes para adquirir a forma de um determinado produto e seguir para a seção de acabamento. Feito isso, esses materiais eram levados ao almoxarifado para, então, serem alocados nos caminhões para a distribuição.

O que não mudaria, porém, seria a presença do amianto em qualquer máquina ou parte da fábrica que fosse. Conforme dava-se o ritmo de produção, os equipamentos passavam a adquirir uma fina camada de pó de cimento-amianto — ainda que algumas das máquinas operassem à úmido.

Quando Eliezer João de Souza, 84 anos, mirava a parte externa da fábrica, percebia através da dispersão da luz do sol

8 A evolução do conhecimento científico sobre os efeitos do amianto na saúde humana será tratada no capítulo 4. A título de contextualização, observações dos efeitos nocivos do amianto em humanos foram descritas já em 1898 na Inglaterra no Relatório Anual do Inspetor Chefe de Fábricas de Sua Majestade.

aquele material particulado em suspensão.

— A gente via de fora aquele pó fluindo assim, o dia inteiro. Quando o sol estava quente, você via isso normalmente. Isso ia para Osasco inteiro.

Eliezer trabalhava na seção de acabamento e cortagem junto de mais 25 colegas. Ali, permanecia rodeado por serras e lixadeiras que auxiliavam na finalização dos produtos de cimento-amianto, e que geravam um resíduo inevitável. Parte daquele pó era sugado por um aspirador e direcionado ao decantador, que também era manuseado por aqueles trabalhadores.

— A minha seção era o puro pó. Umas cinco serras trabalhando todas próximas. O aspirador puxava aquele pó e a gente ia tirar o saco que recebia ele. Um saco de lã muito grosso. Trazíamos ele em uns caixotes para que fossem despejados em uma seção, no meio de todo mundo. Isso era um pó horrível.

Outra parte que chamava a atenção pela quantidade de pó que dispersava era o moinho, que fora instalado na parte externa da fábrica. Era para lá que o material excedente ia para ser triturado e usado novamente na produção.

— Na moagem de resto de amianto, de telhas, quebravam tudo. Moíam aquilo e usavam para fazer o produto com o amianto de novo. Aquilo ali, pelo amor de Deus — recorda Eliezer.

— Em frente ao escritório de obras internas, tinha um moinho. Todas as peças que quebravam eram moídas. Eles reaproveitavam um pouco daquele pó. Aquele pó estourava, saía. Ia para a marcenaria, mecânica, almoxarifado, pintura. O vento arrastava. Era pó demais, vixe — lembra Doracy Maggion, 87 anos, que trabalhou na Eternit como mecânico de manutenção.

***

No ápice de produção, a Eternit de Osasco chegou a operar com cerca de 2 mil empregados[9]. Naquele ambiente, exerciam suas funções sem proteção adequada ou suficiente ao amianto e, inclusive, sem imaginar que a própria saúde estava em risco.

Conforme descrito pelo *Dossiê Amianto Brasil*, a ocultação de informações foi uma prática típica do setor de fibrocimento pelo mundo. Não seria diferente no caso do Brasil. Alguns trabalhadores passariam a saber dos efeitos nocivos do amianto ao acompanhar o adoecimento dos colegas, que quase sempre apresentavam os mesmos sintomas, como tosse e falta de ar repentina; outros, só saberiam a verdade anos após deixarem a fábrica, através do próprio corpo manifestando qual fora o resultado de anos respirando as fibras do amianto.

9 GIANNASI, Fernanda. A Eternit no Brasil. Eternit e o grande julgamento do amianto. Central Única dos Trabalhadores, 2012, p. 70. Disponível em: <https://www.fenprof.pt/media/download/14575B8EF0177A1D08726AEDD-21CDCE0/livro-20novo.pdf>



Vista aérea da Eternit -Osasco. Ao fundo, a rotatória 'Cebolão'. (Foto: Klaus Werner/ extraído do acervo de Hagop Neto)



Fábrica da Eternit-Osasco. (Foto: extraído de Revista Acrópole, nº 48, 1942/ FAU-USP)



Interior da fábrica da Eternit-Osasco. (Foto: Eternit/divulgação)

1.1 IMPRESSÃO DIGITAL

"TUDO TEM UM COMEÇO E UM FIM.
EU ESTOU VIVENDO. UM DIA APÓS O OUTRO"
Devanir da Silva

Ao final da reunião da Abrea daquele sábado, acompanhei Devanir em direção à saída do prédio do Sindicato dos Comerciários de Osasco e Região (Secor), onde têm sido realizados os encontros. Já havíamos feito a entrevista numas das cadeiras dispostas no corredor em frente à sala onde os outros associados seguiam conversando. Estávamos no quinto andar. Para chegar ao térreo, duas possibilidades como de praxe: o elevador ou as escadas. Naquele momento, Devanir comenta que muito raramente utilizava elevadores até certo tempo atrás. Sempre que havia a opção, dava preferência às escadas. Hoje, essa escolha aparentemente trivial tem outras camadas.

— *O descer até que vai. O duro é subir. Nossa senhora... É muito difícil* — diz Devanir, enquanto tira do bolso da jaqueta uma cartela de medicação para dor, que passou a ter consigo sempre que está fora de casa. — *Olha esse aqui. Agora mesmo, precisei sair de lá* [da reunião] *para tomar um comprimido. Senão, eu não aguentava nem falar com você.*

***

Natural de Franca, a cerca de 400 quilômetros da capital paulista, Devanir Maria da Silva passou o início da infância vivendo em uma fazenda — a família cultivava café. Em 1956,

deixa a cidade do nordeste do estado para morar em Osasco. Recém-chegado e com oito anos, é matriculado na escola para continuar a educação básica. Em poucos anos, porém, seria levado a se inserir no mundo do trabalho.

— *Estudei até o quinto ano. Depois começou a vida de trabalho.*

Aos 14 anos, então, começou a trabalhar como confeiteiro. Seguiria no ramo dos doces por mais cinco anos, até que certo dia um primo seu, que já estava empregado na Eternit, comenta sobre uma oportunidade de trabalho na fábrica.

Em novembro de 1966, agora com 18 anos, Devanir é contratado pela Eternit como servente. Neste cargo, trabalhava numa das máquinas usadas na produção de telhas onduladas. Mais precisamente, atuava na preparação das massas incorporadas com amianto e cimento.

— *Trabalhei com o amianto, no pó ali. Tinha amianto que vinha compactado, espremido. Para você poder tirar aquele amianto dali* [dos sacos]*, você tinha que bater nele. Inclusive, nós batíamos com uma ponta de eixo de caminhão, um ferro grosso, para ele se deslocar e cair dentro de um recipiente que chamava molassa. Ela vai mexendo o amianto para fazer a mistura de um certo produto. E o amianto levantava, subia* — descreve Devanir.

Assim como parte de seus colegas de trabalho, conforme fora adquirindo experiência em sua função, Devanir passou a seguir para outros setores. Depois do período como servente, passou a trabalhar na seção de desforme, era lá que os produtos eram retirados dos moldes para, em seguida, serem enviados ao estoque. Em sequência, passou alguns anos como operador de máquina. Por fim, foi promovido a mestre de produção, cargo no qual ficou até ser demitido, em outubro de 1992. Nesse ínte-

rim, chegou a ficar seis meses fora da Eternit, de novembro de 1990 a maio de 1991, após uma primeira demissão.

— No princípio, a Eternit não dava roupa. A gente trabalhava com a nossa roupa. A única coisa que a Eternit dava era um sapatão com solado de madeira. Com o passar do tempo, passou a dar um macacão. Mas o macacão era perigoso, porque se houvesse um acidente, até você tirar o macacão era complicado... Mais para frente ela deu calça e camisa.

Devanir foi exposto ocupacionalmente ao amianto por cerca de 25 anos. Só soube que o mineral era nocivo à sua saúde em 1997, quando, já aposentado, fez um exame que o diagnosticou com placas pleurais — lesões que causam espessamentos focais nas pleuras (membranas que revestem os pulmões), que tendem a aumentar de tamanho e calcificar/endurecer[10]. É a partir desse momento que passa a frequentar as reuniões organizadas pela Abrea e a se inteirar sobre as condições de trabalho a que fora submetido.

— Nós não tínhamos informação. Pelo contrário. Quando se perguntava, eles diziam que não tinha problema, que não fazia mal nenhum para a saúde.

***

Haviam se passado 57 anos desde o momento em que Devanir foi exposto pela primeira vez ao amianto até aquele ano de 2023. No mês de fevereiro, o Supremo Tribunal Federal confirmava a decisão de 2017 para proibição do uso do crisotila no Brasil. Também por volta desse período, Devanir passou a ser toma-

10 BRASIL. Ministério da Saúde. Amianto, câncer e outras doenças: você conhece os riscos? INCA, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://ninho.inca.gov.br/jspui/bitstream/123456789/12742/1/Amianto-%20Cancer-e-outras-Doencas-2020.pdf>

do por uma exaustão frequente, como nunca havia tido antes.

— Eu não sentia nada. Até que, dois anos atrás, eu comecei a me sentir cansado. Porque toda a vida fui ativo. Comecei a me cansar muito fácil. Fiz alguns exames e constatou que eu havia tido um derrame pleural. No mesmo dia, extraíram cinco ampolas das minhas costas — diz Devanir, referindo-se ao procedimento de pulsão do líquido em excesso no espaço pleural (isto é, a cavidade entre as duas pleuras).

Dali em diante, seguiu acompanhando o quadro com retornos ao hospital. A sensação de cansaço, porém, não cessava.

— Começaram umas dores embaixo da costela. Conversando com os médicos, eles falaram para eu fazer uma tomografia.

Exames feitos em março, então, indicaram alta probabilidade de mesotelioma. O alerta vermelho havia sido ligado. "O mesotelioma é um câncer de pleura. Esse câncer faz com que se tenha uma massa entre as duas pleuras. Essa massa, então, vai crescendo. O mesotelioma produz uma redução da imunidade da pessoa e metástases, que podem importar o câncer em outros locais", explica Hermano Albuquerque de Castro, médico pneumologista e pesquisador do Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana (CESTEH) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). "É um câncer muito fatal. A sobrevida de pacientes com mesotelioma de pleura é cerca de dois a três anos."

Em termos gerais, o mesotelioma é uma doença característica da exposição ao amianto e atinge principalmente a pleura (81% dos casos). Mas também pode acometer superfícies como o peritônio — uma membrana que reveste a cavidade abdominal e órgãos abdominais —, o pericárdio — membrana que envolve o coração — e

a túnica vaginal — bolsa que envolve o testículo[11]. Entre 2000 e 2023, foram registrados 1.250 casos de mesotelioma na base de dados dos Registros Hospitalares de Câncer (RHC)[12].

Em relação àquela sombra que circundava Devanir, a tomografia detalhada através do exame PET Scan exporia a confirmação da suspeita com o diagnóstico: *"Mesotelioma pleural maligno"*, considerado a impressão digital do uso do amianto em uma sociedade[13].

— *É um câncer. Eu já tinha algumas informações a respeito. Quando eu recebi a comunicação, achava que seria uma coisa simples... Mas...* — neste momento, a emoção que transparecia nas breves falhas de sua voz passa a ser perceptível também em seus olhos. — *... Eu me enganei. É muito difícil.*

***

29 de junho de 2023. Devanir se encaminha ao hospital para a cirurgia que fora indicada como parte do tratamento para o mesotelioma. Naquele momento anterior ao procedimento, encarava a situação sem maiores preocupações. Chegou até mesmo a fazer uma brincadeira para descontrair a esposa:

— *É um cortezinho só. Tudo vai ser resolvido* — disse ele, num tom humorado.

---

11 INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. Mesotelioma. Rio de Janeiro: INCA, 2022. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document//folder-sobre-mesotelioma.pdf>

12 BRASIL. Ministério da Saúde. Informação obtida via Lei de Acesso à Informação (LAI).

13 BRASIL. Ministério da Saúde. Diretrizes brasileiras para o diagnóstico do mesotelioma maligno de pleura. 2020. Disponível em: <https://d1xe7tfg0uwul9.cloudfront.net/sbpt-portal/wp-content/uploads/2021/08/Resumo-Diretriz-Nacional-sobre-diagn%C3%B3stico-de-mesotelioma-2021.pdf>



A cirurgia em questão era a pleurectomia, que, no caso de Devanir, arrancaria-lhe a pleura à direita de seu peito. O procedimento cirúrgico durou 10 horas. Os próximos 21 dias também foram naquela unidade hospitalar. Até que, em 20 de julho de 2023, recebeu a alta. A partir de então, Devanir passaria a viver vendo *"o filme passar"* em sua cabeça, retrocedendo e avançando as cenas em relação ao momento do diagnóstico de mesotelioma.

— Achava que seria tranquilo. Mas...não foi assim. O corte pega daqui e vai lá nas costas. Eu calculo uns 50 pontos. Mas eu vou mostrar para você — diz Devanir, que mostrou-me a marca deixada pela cicatriz da cirurgia, uma linha que iniciava-se um tanto abaixo da região peitoral à direita e seguia contínua até próximo ao centro de suas costas.

As atividades rotineiras, as coisas quaisquer que as pessoas fazem no dia a dia — como escolher entre escadas ou elevadores —, todas ganharam um obstáculo.

— Antes da cirurgia, eu conseguia lavar o carro. Hoje, nem a roda eu consigo. São muitas dores. Eu me sinto muito cansado. Qualquer coisa que eu possa fazer eu não consigo. Eu não aguento. É muita canseira, muita falta de ar. E tomo remédio direto, porque vai acabando a ação do remédio e as dores vêm.

Seus planos também tiveram de ser mudados.

— Eu era ativo, até que veio esse diagnóstico. Tirou muita coisa da minha vida. Eu ainda tinha muito o que fazer. Eu gostaria de andar, correr, essas coisas. Não consigo. Qualquer subidinha, uma escada, é horrível. Tudo por causa do amianto.

Devanir tem acompanhado a evolução do câncer com retornos periódicos ao oncologista. Antes, todo mês devia comparecer às consultas para atualizar os exames. A partir de meados de 2025, esse intervalo foi acrescido.

— A oncologista viu que o câncer está estabilizado. Disse que eu não precisava estar lá todo mês. Me deu mais tempo. Esse tempo foi na semana passada. Fiz a tomografia e no próximo mês passo por ela outra vez para ela me dizer qual é a situação. Mas se você perguntar para mim: 'Tem dor?' Bastante. Dói bastante.

***

Naquele mesmo ano de 2023, Devanir abriu um processo judicial contra a Eternit na Justiça do Trabalho. A quarta turma do Tribunal Regional do Trabalho da 2ª região (TRT-2) reconheceu a responsabilidade objetiva e a responsabilidade subjetiva da empresa. A Eternit foi condenada a indenização de 1 milhão de reais por danos morais[14]. O processo segue ativo. Na decisão, o juiz federal do trabalho relator escreveu:

> [...] a indenização imposta pela origem é significativa, não há como discrepar. Com ela é possível comprar muitas coisas, relógios, computadores e até alguns carros. Infelizmente, porém, nem essa, nem nenhuma outra indenização conseguirá dar ao reclamante um final de vida com pulmões funcionais e é essa percepção que me leva a concluir que a dor do obreiro [...] tem extensão maior do que a indenização imposta pela origem [...]. (*TRT-2*, 2024).

— A Justiça é lenta, mas acho que está sendo feita. Acredito que meu processo está ganho. Recebi a notícia de que resolve esse ano. Então, houve justiça. Tenho que esperar.

---

14 Consulta processual disponível em: <https://pje.trt2.jus.br/consultaprocessual/detalhe-processo/1001475-04.2023.5.02.0384/2#b7ce4c8>

Em dado momento, pergunto a Devanir o que ele pensa sobre a vida agora, aos 77 anos:

— O que eu tenho pensado é o seguinte: tudo tem um fim, porque tudo tem começo e um fim. Perguntam para mim como estou. Eu digo: 'Estou vivendo. Um dia após o outro'. Às vezes você começa a pensar em alguma bobaginha, mas isso já não faz parte. Você tem que eliminar. Eu espero viver... não sei o quanto tempo mais. Tenho muita fé em Deus e vou tocando meu barco.

1.2 COISAS OCULTAS

"DAVA TUDO DE MIM PARA ELES. E ELES SONEGARAM O QUE EU TENHO DE MAIS IMPORTANTE, QUE É A MINHA SAÚDE"

Doracy Maggion

Ao adentrar a sala da casa de Doracy Maggion alguns itens capturam a atenção. Primeiro, uma poltrona robusta de couro marrom recostada na parede. Um pouco mais acima, vê-se um escudo do São Paulo, time do qual o filho, Giovani, 49 anos, é torcedor ferrenho. *"Eu sou corinthiano. 'Coringa'. São-paulino é o boca aberta aí"*, diz ele, num ar humorado enquanto aponta a Giovani. Na outra parede, uma sequência de quadros grandes com fotografias de dois dos filhos e da neta. Outro item que passou a compor o ambiente há anos, porém, não era um artigo de decoração; tampouco estava ligado a boas lembranças: um aparelho de inalação.

No correr do dia, Doracy tem certeza de que seu celular tocará ao menos três vezes. Na tela do dispositivo, lê-se a mensagem *"gotas de inalação"* dos alarmes programados. Um aviso de que é o momento de sentar-se à poltrona mais uma vez, para levar em direção ao rosto a máscara pela qual sairá o medicamento.

— *Eu tenho dificuldade para respirar. Pode ver o negocinho aí. Quando for daqui a pouco o telefone vai tocar. É a hora que eu tenho que fazer a inalação* — diz ele, indicando a mesa sobre a qual está o aparelho.

***

Nascido e crescido em Osasco, Doracy soube da existência da Eternit enquanto fazia uma visita à casa do primo, Décio, que estava empregado na empresa. Era a década de 1950, e o uso do fibrocimento impulsionava a importação de amianto de 3 mil toneladas ao ano para 12 mil toneladas ao ano[15].

Em 1952, pouco tempo depois daquela conversa, Doracy começa a trabalhar na área de produção da fábrica como ajudante, aos 14 anos. Ali, rotulava as telhas feitas com amianto. Permanecera na função por cerca de um ano, quando decide procurar emprego em outros lugares. É nesse período de busca, agora já no final da década de 1950, que conhece a esposa, Maria. Avistou-a por acaso, quando ambos estavam num parque. Namoraram por quatro anos antes do casamento. A partir daquele encontro, construíram uma família e uma história juntos de quase 60 anos (Maria morreu em 2016).

No final da década de 1960, Doracy ouve de um amigo que trabalhava na Eternit que a empresa estava contratando novos funcionários. Àquele momento, havia acabado de sair de um emprego no qual estava como mecânico há nove anos.

Em maio de 1969, aos 31 anos, Doracy retorna à Eternit, desta vez como mecânico de manutenção. O cargo era diferente. As condições de trabalho, por outro lado, continuavam as mesmas — um ambiente com fibras de amianto.

— *Pó tinha muito. Eu posso garantir para você que em todo lugar que você fosse da fábrica tinha pó. Até no escritório tinha pó. O pó rodava tudo* — relembra ele. — *O pátio que ficava no fundo, lá todo era calçado com amianto, porque era terra. Eles pegavam o retalho de amianto que sobrava e punham no chão. Os tratorzinhos*

15 *Dossiê Amianto Brasil,* 2010, p. 54.

andavam para carregar caixas d'água lá. Caminhões iam carregar caixas d'água. Aquele poeirão.

Por cerca de cinco anos, trabalhou como mecânico de manutenção em escala de plantão. Os turnos eram estabelecidos conforme a semana: numa, ia das sete horas da manhã às sete horas da noite; na outra, fazia o horário inverso. Decorrido o período como plantonista, passou a trabalhar como mecânico de setor, agora das sete horas da manhã às quatro horas da tarde. Por algumas vezes, quando surgia algum problema nos equipamentos, relata também ter sido convocado pela fábrica em horários variados.

— *A máquina quebrava e eles passavam aqui* [em casa]. *Me pegavam e levavam lá. De madrugada, qualquer hora da noite, domingo. Às vezes eu estava no Clube*[16] *e me pegavam. A gente estava lá jogando bola, brincando, e os caras apareciam com a kombi. Já faziam uma catada e íamos para a fábrica trabalhar.*

Naquele ambiente circundado de pó, Doracy trabalhou por cerca de quatro anos usando suas próprias roupas até que a empresa passasse a fornecer o uniforme.

— *No começo, a gente trabalhava com a roupa que ia. Com a roupa do corpo você trabalhava e, se pegasse ônibus, trocava de roupa lá. Como eu vinha de bicicleta almoçar em casa, eu vinha com a roupa que eu estava trabalhando, a minha roupa. Depois, eles deram um macacão, e a turma trabalhava com um macacão de cor amarela, que era o da produção. Para os chefes, davam uma calça e camisa.*

O próximo cargo de Doracy na Eternit seria como encarregado de mecânica. Por fim, foi promovido a mestre de mecânica, função na qual permaneceu até aposentar-se, em 1986.

16 Clube da Eternit onde empregados da fábrica costumavam socializar.



Durante cerca de 18 anos foi exposto às fibras do amianto. Ao longo desse tempo, em nenhum momento lhe fora informado que aquele pó do asbesto oferecia riscos à sua saúde. Nem mesmo quando tornou-se mestre de mecânica e, portanto, passou a estar mais próximo a integrantes da diretoria. O silêncio em torno daquele mineral foi um código seguido à risca.

— Nos anos 1976, 1978, começaram a montar os filtros na fábrica para eliminar a poeira. Mas não falavam que a poeira era maléfica. Toda a vida eles esconderam. Porque quando eu era mestre, eu tinha condições de conversar com pessoas da diretoria. Tinha amizade com muitos diretores lá. Mesmo eu sendo mestre, nunca falaram.

Uma memória, porém, nunca mais saiu da cabeça de Doracy. Certa vez, observou um colega de trabalho, que à época estava no posto de encarregado, conversando com um dos diretores da fábrica sobre um determinado setor:

— Tem gente trabalhando aí dentro da máquina quatro? — perguntou o então diretor ao funcionário.

— Sim, está todo mundo trabalhando aí dentro.

— Vai morrer tudo.

***

No ano de 1995, Doracy juntou-se aos ex-trabalhadores da Eternit que mobilizavam esforços para a criação Abrea — foi um dos fundadores da associação. Como parte da força-tarefa, ajudou a encaminhar os associados a exames médicos para que pudessem entender a extensão do dano do crisotila e identificar quem havia desenvolvido doenças. Quando chegou sua vez de realizar os exames, leu naqueles papéis que havia desenvolvido placas pleurais — consideradas também como um marca-

dor da exposição ao amianto[17].

— *Depois que abriu a Abrea, começaram a falar de placas pleurais, asbestose, mesotelioma. Até aí eu não conhecia nada.*

Naquele momento, haviam se passado nove anos desde sua saída da Eternit. Seria só então que passaria a compreender as marcas deixadas pelo asbesto em seus colegas. Acompanharia de perto os diagnósticos, angústias e morte daqueles com quem dividia o turno de trabalho, as partidas de futebol e os goles de pinga ou uísque para jogar conversa fora.

— *Na Eternit, era que nem uma família. Todo mundo conhecia todo mundo. Quando morria um cara, a turma já sabia do que ele morreu. A amizade lá dentro, nossa! Era uma família.*

Quando ia até a casa de Bibe (Max Várzea) visitá-lo, era recepcionado pelo ex-chefe de pintura carregando consigo uma máscara colada ao rosto. "Ele corria com a mangueirinha até o portão, segurando. Como se fosse um cachorrinho amarrado, para poder respirar", lembra Doracy.

Ao acompanhar os exames de Zé da Capa (José Pessoa), um dos diretores da Abrea, viu o colega receber o diagnóstico de asbestose. "Eles foram tão covardes que os exames do escritório deles [da Eternit] deram que o pulmão dele estava limpinho, que estava perfeito. Quando nós fomos fazer, no primeiro já deu placas pleurais e depois da tomografia deu [o diagnóstico de] asbestose."

Ainda teve o Boni, que trabalhava como chefe de produção e também teve asbestose. "Ele morava dentro da fábrica. Ele não trabalhava [nas máquinas de produção], só andava dentro da

17 MEIRELLES, Gustavo SP; KAVAKAMA, Jorge I; RODRIGUES, Reinaldo T. Imagem nas doenças ocupacionais pulmonares. Jornal Brasileiro de Pneumonia, 2006, p. 106-107. Disponível em: <https://jbp.org.br/Content/imagebank/pdf/Suple_52_17_12capitulo%2012.pdf>

fábrica, e morreu com asbestose."

E as fibras do amianto naquela planta não se limitaram ao setor de produção. Circularam até chegar ao escritório, onde trabalhava Montserrat Goepfert, que morreu devido ao mesotelioma pleural. "Ela vivia no escritório. Eu tinha muita amizade com ela. Era legal para caramba, ela e o marido dela." Esses nomes, no entanto, são apenas alguns dentro de uma lista que Doracy viu ficar a cada ano mais longa.

— Eu ia visitar os caras quando estavam doentes. Cansei de ver amigos meus morrerem amarrados num bujão de oxigênio. Mas muitos, muitos, muitos. Não foi um nem dois, foram muitos.

***

O que começou com placas pleurais não pararia por aí. Com o passar do tempo, Doracy passou a ser acometido por uma falta de ar cada vez mais intensa. Em 2013, um exame revelou a queda acentuada de sua função pulmonar. Em 2019, a tomografia de tórax expôs, entre outras alterações, o espessamento pleural difuso.

"Quando o pulmão enche e esvazia, há um deslizamento entre as pleuras, ali há uma espécie de líquido que faz com que possa ocorrer esse escorregamento e, assim, a gente encha e esvazie o pulmão. O amianto vai migrando para a periferia do pulmão e causa lesão nessa pleura. Então, aquele líquido fica inflamando e, com o tempo, se espessa", explica o médico pneumologista Hermano Castro. "Esse espessamento gera um aprisionamento do ar dentro do pulmão. A pessoa não consegue respirar, porque o pulmão não consegue se movimentar dentro da caixa torácica."

A atelectasia redonda, lesão de forma arredondada formada a partir do "sequestro" de partes do tecido do pulmão e consequente do espessamento pleural[18], também foi indicada. Em 2022, a radiografia de tórax revelou, entre outras alterações, a redução das dimensões do pulmão direito de Doracy. A conclusão do relatório médico mais recente, de 2024, apontaria então: *placas pleurais calcificadas, espessamento pleural, atelectasia redonda e sinais de fibrose pulmonar/asbestose decorrentes da exposição ao asbesto*.

As alterações presentes nos exames de Doracy e Devanir são algumas das doenças causadas pela exposição ao amianto. Além das placas pleurais, derrames pleurais, espessamento pleural difuso e atelectasia redonda, existe a asbestose. "A asbestose é uma doença que produz uma fibrose pulmonar. O pulmão é feito de um material proteico chamado de elastina, uma fibra elástica que se expande e volta para o lugar. O amianto produz uma lesão, que faz uma reparação e deixa uma cicatriz. Com isso, a fibra elástica é substituída por uma fibra mais dura. Na medida que esse tipo de lesão aumenta, a pessoa já não consegue encher o pulmão de ar. Ela perde a capacidade de respirar. O pulmão fica duro", explica o médico pneumologista Hermano Castro sobre a doença que foi apelidada por trabalhadores de indústrias de fibrocimento como pulmão de pedra.

No caso dos cânceres causados pelo amianto, além do mesotelioma, entram para a lista os cânceres de pulmão, laringe e ovário.

"Há também outras doenças respiratórias vinculadas às vias aéreas. A exposição à poeira, por exemplo, pode produzir

18 BRASIL. Ministério da Saúde. Amianto, câncer e outras doenças: você conhece os riscos? INCA, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://ninho.inca.gov.br/jspui/bitstream/123456789/12742/1/Amianto-%20Cancer-e-outras-Doencas-2020.pdf>

asma, doença pulmonar obstrutiva crônica (DPCO) e bronquite", explica o pesquisador da Fiocruz.

No cotidiano de Doracy, aqueles diagnósticos se encontrariam traduzidos em inúmeras situações. A inclinação da rua de sua casa passaria a ser ainda mais desafiadora. Cada tarefa doméstica seria sucedida por um momento de pausa: após cozinhar o almoço, um retorno ao sofá da sala para descansar um pouco. Depois de passar um tempo de pé entre os cômodos, seguiria de volta a poltrona para recuperar o fôlego.

— *É difícil. Me falta o ar direto. Esse remédio que tá quebrando o galho um pouco, mas não aguento andar longe* — diz Doracy, enquanto aponta para caixinha de uma medicação broncodilatadora sobre a mesa de centro. — *É duro você querer respirar e não poder. Às vezes eu fico sentado ali* [no sofá], *onde tem um corredor de ar, durmo com a janela do quarto aberta. Cansei de pegar a vassoura, dar duas três varridas assim... e eu já não respiro mais.*

***

No quintal da casa de Doracy, o corredor é decorado por plantas. Foi a elas que escolheu recorrer a fim de ter uma atividade para "mexer o corpo" sem muitos obstáculos. Quando se olha na direção do chão, dá para ver um canteiro com mudas de *Ora-pro-nóbis* e uma escada na qual em cada um dos degraus há um vaso de planta. Já ao alto, os galhos retorcidos e folhas de uva branca cobrem o caminho. Ele mesmo construíra a estrutura.

— *Tenho uma plantaçãozinha de umas frutinhas que eu cuido, vou lá e molho. Às vezes tem que arrancar o matinho e eu vou arrancando devagarzinho. Para fazer alguma coisa.*

Àquele momento da entrevista, os bagos ainda estavam pequenos. Mas Doracy garante que assim que chega a época certa, o quintal fica tomado pelos cachos — sua expectativa é de que a leva da vez amadureça em meados de dezembro. "Já cheguei a pegar uma bacia lotada de uva daqui", diz ele, enquanto mostra os detalhes do cultivo.

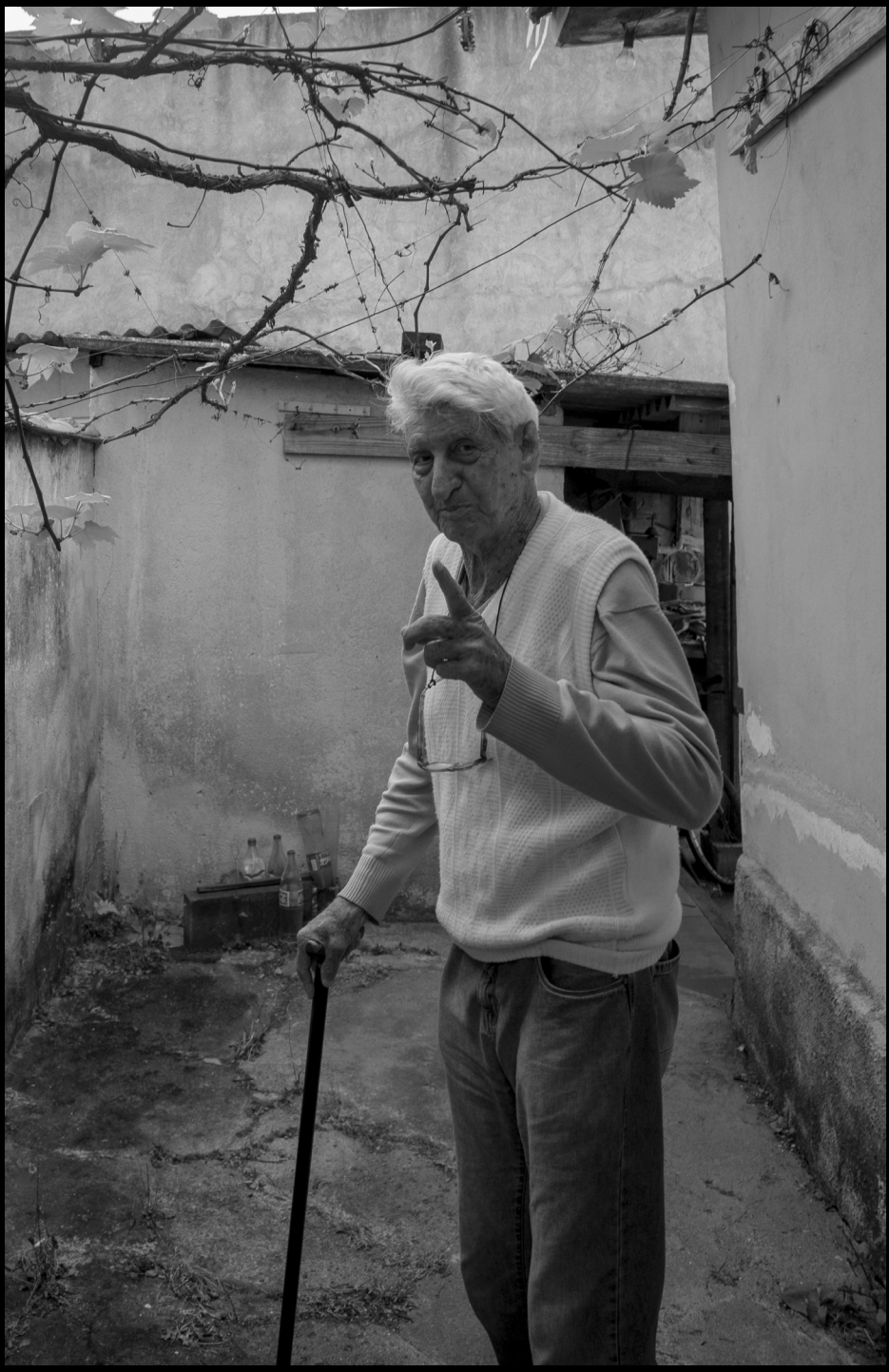
Outro refúgio seria a chácara da família em uma área mais afastada. É para lá que vai quando busca arejar os pensamentos. É também onde segue em contato com espécies de plantas variadas. Junto aos filhos e outros familiares, cultiva pés de goiaba, laranja, uma árvore robusta de ameixa, além dos peixes que cria no lago.

— *Tenho uma chacrinha para ir embora. Ultimamente não está dando para ir muito. Toda semana eu ia ficar uns dois, três dias lá. O ar é bom. Ajudava. Procuro andar um pouco. Eu gosto de fazer as minhas coisinhas.*

***

Inconformado com o que o contato com o amianto havia provocado em sua vida e de seus amigos, Doracy tomou para si a tarefa de expor os malefícios do crisotila em todos os ambiente em que podia. Em 2012, quando o Supremo Tribunal Federal realizou audiências públicas para discutir a proibição do crisotila no país[19], foi um dos que falaram sobre impactos da exposição ao amianto nos ex-trabalhadores de indústrias que usavam o mineral.

19 Disponível em: https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/ProcessosAudienciasPublicasAcoesAmianto/anexo/Transcricoes__Audiencia_sobre_Amianto__Texto_consolidado.pdf









Na ocasião representando a Abrea, relembrou a morte de colegas de Osasco, mas também falou sobre os afetados em outras cidades e estados. Afinal, o impacto do amianto se daria em escala nacional. Citou, por exemplo, o caso de Ruth Maria do Nascimento, que trabalhou na Teadit (indústria têxtil no Rio de Janeiro) como fiandeira e teve como causa da morte a asbestose.

— *Quando eu vi a turma morrendo daquele jeito e que eles sonegaram que o amianto fazia mal, eu fiquei muito revoltado. Quando nasceu a Abrea, falei: 'Agora eu vou para cima'. Encontrei diversas vezes com a chefia da Eternit em lugares que nós fomos. Uma vez alguém falou: 'Até aqui você veio?' Eu falei: 'Se você for ao inferno e precisar estar lá, você vai ver a minha figura lá'. Peguei bronca mesmo. Enquanto eu vivesse e pudesse banir essa merda... A minha ideia era banir, para que mais gente não morresse.*

Apesar de ter iniciado um processo contra a Eternit na Justiça do Trabalho, Doracy não foi indenizado (decisão foi favorável para a empresa na 1ª instância)[20]. Por ter trabalhado em condições de risco e ter desenvolvido doenças relacionadas à exposição ao amianto, o que foi caracterizado como acidente de trabalho, Doracy teve direito à aposentadoria especial.

— *"A única 'vantagem' que eu tenho do amianto é essa. É isso que me ajuda a pagar um convênio, mais nada"* — responde ele, quando pergunto se havia algum processo judicial individual em andamento contra a Eternit. — *"Acho que eles* [Eternit] *deveriam indenizar todo mundo e não requerer nada. Eles sabiam que o amianto era nocivo."*

---

20 Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/amianto-empresa-acusada-de-descumprir-acordo-que-preve-registro-de-casos-9595647>

Embora pontue aspectos que considerava positivos da Eternit — como ter se formado profissionalmente na fábrica, o salário que recebia, a liberdade que percebia ter naquele ambiente e os laços que construíra com os outros trabalhadores durante aqueles anos —, a avaliação final e o sentimento que prevalece para Doracy é o de que tivera sido enganado.

— *Dava tudo de mim para eles. E eles sonegam o que eu tenho de mais importante, que é a minha saúde.*

2.

CASO EU NÃO VOLTE, CONTINUE

"O TEMPO PASSA, MAS A LEMBRANÇA FICA"

Gizelia Vicentin

Naquela manhã de abril de 2008, Aldo Vicentin havia levantado cedo para ir à padaria. O caminho era curto, apenas a uma esquina de distância da casa onde morava com a esposa, Gizelia Vicentin. Após comprar os itens de que precisava, seguiu o caminho de volta ao qual já estava habituado. Algo, porém, correu diferente dos outros dias. Conforme estava mais próximo de sua casa, sentia-se cada vez mais exaurido. Àquela altura, enquanto um dos fundadores da Abrea e tendo acompanhado de perto o histórico de adoecimento de outros colegas de trabalho da Eternit, sabia de trás para frente sinais de alerta para as doenças associadas ao amianto.

— *Ele voltou tão cansado que não conseguia abrir o portão. Entrou em casa assustado* — recorda Gizelia Vicentin.

Tão logo chegou, decidiu agendar uma consulta médica para tirar a prova sobre aquele ocorrido e a tosse persistente que começara a manifestar por volta daquele mesmo período. A radiografia de tórax expôs o derrame pleural, com o lado esquerdo de seu peito praticamente opaco na imagem. "O pulmão esquerdo já não aparecia, estava todo tomado. Um derrame pleural fortíssimo. E aí começou o desespero", ela descreve. Em meio a angústia da família (Gizelia e Aldo tiveram duas filhas e um neto), deu-se a correria com os próximos exames. Pouco tempo depois, naquele mesmo abril, souberam do estarrecedor diagnóstico de mesotelioma pleural. O cronômetro havia sido disparado.

— *Ele seguia tudo sobre as doenças do amianto. Dizia em casa que a mais temida era o mesotelioma: 'Quem receber o diagnós-*

tico vai receber uma sentença de morte'. Falava que não demorava um ano — lembra Gizelia, entre pausas que estabeleciam silêncios próprios de quem acessa memórias difíceis. — *Ele sabia que ia morrer, e não queria. Ainda tinha uma vida toda pela frente.*

***

Nascido em Pompeia, interior de São Paulo, Aldo Vicentin cresceu na região de Osvaldo Cruz. A família trabalhava com o cultivo de café. Decidido a buscar outras oportunidades de emprego, deixa o interior junto da família rumo a Osasco na década de 1960 — período em que a cidade passava pelo processo de industrialização.

No ano de 1964, quando estava com 22 anos, Aldo foi contratado pela Eternit para trabalhar no almoxarifado, onde eram depositados os materiais produzidos pela fábrica, entre caixas d'água, telhas e tubos. Quando os caminhões chegavam, atuava no carregamento e descarregamento daquelas cargas que continham amianto. Assim seguiu por mais quatro anos, até 1968, quando sai da Eternit.

— *No almoxarifado ele ficava branquinho de pó. Ele saiu por causa do pó. Ganhava muito bem, mas ele não gostava. Era muito pó. 'Não quero isso para mim', ele falava. Ele queria uma coisa mais saudável, em que ele pudesse respirar mais, porque eles não davam proteção* — diz Gizelia.

É por volta do mesmo período em que deixava a fábrica que Aldo conhece Gizelia. Os dois chegaram a estudar no mesmo prédio. Enquanto ele fazia um cursinho preparatório para vestibulares para cursar direito, ela terminava o ensino médio. Namoraram por dois anos. Até que, em 1970, decidiram se casar.

Aldo fez cursos de desenho técnico para atuar como projetista naquele momento em que saía da Eternit. Em 1971, consegue a vaga para cursar direito. Com a graduação concluída, passados cinco anos, é aprovado pelo exame da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e torna-se advogado. Contudo, não exerce a profissão de imediato. Empregado como projetista no setor de engenharia de uma empresa multinacional, decidira esperar até sua aposentadoria, em 1994, para então voltar-se à advocacia.

— [...] Nem sabia o que era amianto. Só ao requerer a aposentadoria, em 1994/1995, descobri que havia trabalhado em condições insalubres, perigosas — diz Aldo em entrevista à jornalista Conceição Lemes, do portal independente Viomundo, em 2008[21].

Assim que se aposentou, resolveu "enfiar a cara no direito", área de que tanto gostava. Como advogado, atuou em cartórios, fóruns, estabeleceu contatos com escritórios de advocacia de colegas e firmou-se no campo.

Dali a pouco tempo, Aldo passou a reencontrar amigos dos velhos tempos de Eternit. Eles não traziam boas-novas.

— Conversando entre eles, falaram das doenças e que havia muitos morrendo. Ele não sabia que o amianto fazia mal para a saúde, porque a Eternit nunca deu proteção para ninguém, nem nunca comentou no assunto — lembra Gizelia. *— Ele falava: 'O único que está bem de lá sou eu... Graças a Deus não fui afetado por esse amianto'.*

Movido pelo relato dos colegas, decidiu ajudá-los a organizar um movimento que surgia para reunir ex-trabalhadores da Eternit de Osasco que estavam adoecendo: a Abrea. O retrato das

21 Disponível em: <https://www.viomundo.com.br/denuncias/morre-aldo-vicentin-mais-uma-vitima-do-amianto.html>

reuniões que sucederam a fundação da associação, em 1995, não seria uma imagem fácil de se lidar.

— *Ele chegava em casa muito chateado. Porque cada vez que havia uma reunião a sala ficava cheia, todo mundo doente. E toda semana ia* [morria] *um. Para ele era um desespero, sofria junto com as pessoas* — lembra Gizelia.

***

Ao longo de 4 anos, Aldo foi exposto de forma ocupacional ao amianto. 44 anos separam o momento em que ele teve a primeira exposição às fibras, em 1964, até quando relata os primeiros sintomas e recebe o diagnóstico de mesotelioma pleural, em 2008.

— *A fibra de amianto ficou no pulmão dele, mas ele não sentia, não tinha nada. Depois de 40 anos* [que Aldo saiu da Eternit]*, ela se manifesto*u — diz Gizelia. — *Estava lá, quietinha. Até que uma hora veio à tona.*

Esse período silencioso é característico de doenças relacionadas ao amianto. "A doença não aparece logo nos primeiros dias ou meses após a exposição. Aparecerá 20, 30, 40, 50 anos após a primeira exposição. Há casos de trabalhadores que trabalharam por 10, 15 anos com amianto e a lesão aparece quando estão se aposentando. Esse período entre a primeira exposição e a doença chama-se período de latência", explica o médico pneumologista Hermano Albuquerque de Castro.

O mesotelioma de pleura possui um longo período de latência. No caso de Aldo, 44 anos.

— *Foi de repente. Comecei a sentir canseira, sem fôlego para subir uma rampa...Na radiografia de um ano e meio atrás não*

havia nada — diz Aldo na entrevista de 2008 ao Viomundo.

Aldo e a família tinham pressa. Não só porque sabiam que alguém com mesotelioma não tinha muito tempo pela frente. Com uma das filhas grávida, o desejo de Aldo era acompanhar o nascimento da próxima neta, previsto para o segundo semestre daquele ano. Souberam pela equipe médica de que a alternativa seria a retirada do pulmão esquerdo.

— Ele ficou nervoso com o convênio, porque estavam demorando para liberar. Como constatou que atingia só o pulmão esquerdo, ele quis ser internado para tirá-lo. Porque tirando o pulmão, ele ainda poderia sobreviver — lembra Gizelia. *— Ele falou: 'Fazendo a cirurgia, pelo menos seis, sete meses eu vou ganhar'.*

No dia 4 de junho, quando seria internado para ser submetido a cirurgia, Aldo aparentava estar bem. Algumas horas antes, havia passado no cartório para tratar de alguns documentos de que precisava e decidiu ir até o hospital dirigindo. Deixou o carro no estacionamento e seguiu para a ala de internação. Ao fim do procedimento cirúrgico realizado no dia 5 de junho, ele já não tinha mais o pulmão esquerdo, a pleura, o diafragma e o pericárdio — foram retirados. Os 28 dias seguintes seriam na UTI, entre alguns acenos de melhora e piora.

— Depois que ele tirou o pulmão, ele ficou totalmente... devastado. Mas ele se recuperou. Ele era forte. Mas um dia antes de ir para o quarto ele teve febre, uma recaída. Teve que fazer uma outra cirurgia, agora no intestino, porque os remédios eram muito fortes.

Já debilitado, Aldo Vicentin foi a óbito no dia 3 de julho de 2008, aos 66 anos. Em sua certidão está descrita a causa da morte: *"choque séptico, pneumonia e ressecção do mesotelioma pleural"*.

No Brasil, o mesotelioma maligno foi a causa de 76,4%

das mortes provocadas por doenças relacionadas ao amianto entre 1996 e 2017.

***

Logo nos dias seguintes àquele 3 de julho, Gizelia foi ao escritório de Aldo em busca de alguns documentos que foram solicitados. Foi pega de surpresa ao abrir uma gaveta. Antes de ser internado, Aldo havia deixado os documentos a postos, como se tivesse sido capaz de prever as cenas que sucederiam o momento de seu diagnóstico.

— *Estavam todos grampeadinhos. Tudo de que eu precisava para fazer o sepultamento: o terreno do cemitério, o número do túmulo. Tudo grampeadinho lá para caso eu precisasse. Ele sabia que o mesotelioma não tinha volta.*

Gizelia conta que Aldo não costumava falar sobre o que passava em sua mente em relação à doença, mas que o via emocionado algumas vezes.

— *Teve uma noite em que ele sonhou que estava com mesotelioma. Acordou assustado, achando que era sonho mesmo. Era verdade.*

Aldo Vicentin não pôde dar as boas-vindas à neta, que nasceu em outubro. "Não deu. Hoje ela está com 16 anos", lamenta Gizelia. A morte de Aldo foi um baque para a família. "Às vezes eu nem gosto de tocar no assunto porque me vem toda aquela passagem difícil", entrega. Complicado também seria ter de explicá-la ao neto, que à época tinha apenas três anos.

— *Ele era muito apegado ao avô. Perguntava. Falei que* [o Aldo] *virou estrelinha, foi encontrar os amigos. Ele me perguntou: 'Mas o que faz para virar estrela para ir para o céu?' E eu falei: 'Como*



que os amigos deles foram? Eles morreram'. Aí pronto... ele entendeu, saiu correndo para o quarto e fechou a porta. Nunca mais perguntou pelo avô. Só um dia que ele estava montando uns carrinhos e falou: 'E se eu pedir para o papai do céu, para ele vir só ver meus brinquedos e depois voltar. Será que ele vem?' Aí eu disfarcei...mudei de assunto.

***

As trajetórias de Aldo e Gizelia têm outras coincidências além de terem estudado no mesmo lugar. Nascida em Bastos, a cerca de 560 quilômetros da capital paulista, Gizelia cresceu em uma família que também cultivava o café, além de arroz e banana. Passou parte da vida na cidade de Sagres, quando ainda era considerada distrito de Osvaldo Cruz. Pedro, pai de Gizelia, se enveredou pela política e decidiu candidatar-se a vereador logo no período em que Sagres era oficializada como cidade, em 1960. Conseguiu se eleger entre os vereadores, mas devido a divergências políticas com o então prefeito (eram de partidos diferentes), decidiu deixar de lado a atuação política para se mudar com a família para Osasco.

Aos 81 anos e aposentada, Gizelia Vicentin diz que entre suas memórias prediletas com Aldo estão o nascimento das filhas e as festas de Natal, quando ambas as famílias sentavam-se reunidas à mesa.

— *Hoje, eu sinto muito falta. Era um companheiro e tanto. Mas Deus ajuda, e a gente tem que aprender a viver. O tempo passa, mas a lembrança fica. A gente procura ficar com a lembrança boa, esquecer aquela fase triste. O legado que ele deixou foi de muita honestidade. E daí em diante a gente segue nossa vida.*

Quando decidiu iniciar o processo judicial contra a Eternit, Aldo havia feito um pedido para Gizelia do qual ela nunca se esqueceu: *"Caso eu não volte, continue".* Assim Gizelia o fez. Des-

de então, passou a comparecer às assembleias organizadas pela Abrea, onde também assumiu o cargo de secretária geral, e deu continuidade ao processo judicial. Em agosto de 2012, a Eternit foi condenada pela Justiça do Trabalho de São Paulo a indenizar a família de Aldo em 300 mil reais por danos morais. A Eternit recorreu da sentença, e o pedido para considerar improcedente o pagamento de indenização foi aceito pelo TRT-2, o qual:

> [...] considerou ausentes os requisitos necessários para caracterização da culpa da empresa, apesar do laudo pericial [...] ter reconhecido o nexo causal entre as atividades do reclamante, com exposição ao amianto há 40 anos, e a doença desenvolvida, câncer de pulmão, afastando, portanto, a hipótese de responsabilidade objetiva.[...] Restou, ainda, expressamente consignando que na época da prestação de serviços não havia legislação quanto à utilização de proteção, tampouco tecnologia para medição da concentração de fibras no meio ambiente do trabalho, não podendo ser imputada à empregadora a responsabilidade pela morte do reclamante após 40 anos da prestação de serviços.[22] (*TST*, 2019).

A família de Aldo, então, decidiu recorrer da decisão no Tribunal Superior do Trabalho (TST). Segundo Gizelia, o processo está ativo, e ela segue aguardando que um segundo julgamento seja feito.

— [O processo judicial] *está lá* [no TST] *até hoje. São 17 anos já. A primeira audiência foi favorável a nós; a segunda, a eles, que disseram que havia proteção e 'não sei o que' mais que a Eternit oferecia. Mentira. Quantas pessoas mais morreram depois dele? Está lá. Até quando? Não sei.*

---

22 Acórdão disponível em: <https://consultadocumento.tst.jus.br/consultaDocumento/acordao.do?anoProcInt=2015&numProcInt=67520&dtaPublicacaoStr=29/03/2019%2007:00:00&nia=7318767>

3.

ÁGUA E SABÃO

"A ROUPA VINHA DURA DE AMIANTO"

Fatima Neves

Era o ano de 1980 quando Fatima Neves conheceu Jeto dos Santos. À época, ela trabalhava em uma das oficinas de costura que se instalaram na rua José Paulino, no bairro Bom Retiro, em São Paulo. Já ele, que fora contratado como mecânico de manutenção pela Eternit, em Osasco, estava próximo de completar seu quinto ano na empresa.

Foram dois anos de namoro antes de decidirem morar juntos em Osasco. Fátima seguiu com o emprego no centro da capital paulista até o nascimento da primeira filha, em 1982. Quando dá à luz Rafaela, avalia naquele momento que — com a distância do trabalho e a ausência de creches ao seu redor — seria necessário deixar seu emprego para se voltar à maternidade.

***

Na Eternit, Jeto estava exposto às fibras de amianto — ainda sem saber que o mineral com que lidava diariamente oferecia riscos à sua saúde. Entre as diferentes tarefas atribuídas à equipe, regulava as máquinas para os testes dos tubos de água que compunham o portfólio de produtos da empresa e participava de reformas estruturais, como o aumento das chaminés da fábrica. Acerca deste último, o relato de Jeto, 72 anos, a seguir traz um exemplo de que o amianto que era manipulado ali (para além de estar presente nos produtos que passariam a fazer parte

da casa de milhões de brasileiros) encontraria diferentes caminhos para sair da área fabril rumo às pessoas que pouco ou sequer tinham alguma relação com a Eternit.

— *Eu tive que aumentar todas as chaminés da Eternit para as 'microfibras'* [de amianto] *saírem a uma altura de três metros acima do telhado. Eu fui um dos mecânicos que fizeram isso lá. Mas não tem jeito, porque na atmosfera, quanto mais alto, melhor. Porque leva.*

Uma vez lançadas ao ar, as fibras de amianto, que têm como características serem estáveis e não sofrerem degradação significativa no ambiente, podem sofrer sedimentação gravitacional ou permanecer em suspensão por longos períodos e serem transportadas ("levadas", como descreve Jeto) para longe[23]. Um dos fatores que determinam o comportamento desse material particulado é sua dimensão. As fibras longas tendem a seguir a primeira via; as fibras curtas, a segunda.

A exposição ambiental ao amianto — isto é, decorrente da contaminação do meio ambiente com o mineral —, passa a ter seus contornos delineados. Quando uma pessoa é ambientalmente exposta, assim como acontece no cenário ocupacional, pode ser contaminada pelas vias inalatória, ao respirar as fibras de amianto suspensas no ar, e digestiva, ao ingerir alimentos e água contaminados por amianto[24].

Em 2012, uma matéria do jornal *O Globo* apresentou o caso de Adelaide de Jesus Morino ao tratar da contaminação de

---

23 Ficha de Informação Toxicológica do amianto elaborada pela CETESB (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo). Disponível em: <https://cetesb.sp.gov.br/aguasinteriores/wp-content/uploads/sites/24/2020/08/Amianto_Asbesto.pdf.>

24 Disponível em: <https://antigo.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document//cartilha_amianto_2020.pdf>

moradores que residiam próximos à fábrica da Eternit em Osasco[25]. À época aos 85 anos, a doceira e moradora do bairro Jardim Agu residia a menos de 200 metros de onde funcionava a fábrica. Fora diagnosticada com mesotelioma, constatação que veio somente após a realização de seis biópsias. Àquele momento da reportagem, já havia passado por seis sessões de quimioterapia.

— *A 'microfibra' é aquela que, na atmosfera, pega você que não trabalha lá respirando. Na rua, você vê o que está respirando? Não vê* — observa o antigo funcionário.

Ao todo, Jeto José dos Santos trabalhara por 16 anos na Eternit (ou ainda, nos termos que constam em seus relatórios médicos, tivera uma "história de exposição ocupacional ao asbesto por (16) anos"). Entre esse período, chegou a trabalhar em um outro tipo de fábrica, mas decidiu retornar à Eternit, em junho de 1990, quando recebeu a proposta para assumir o posto de encarregado de manutenção.

Enquanto rebobina as memórias de seus tempos na planta de Osasco, descreve cenas que indicam como se davam algumas das formas de exposição dos trabalhadores naquele ambiente: "Motoristas de caminhão, que só entravam lá para carregar e descarregar, chegaram a morrer com asbestose"; "[para produzir a caixa d'água] você fica debruçado ali para moldar. O amianto é colocado dentro daquele molde e a pessoa tem que espalhar. Você entrava lá no local onde eles ficavam, era tudo molhado, tudo massa molhada. Mas aquilo seca. O perfil está ali, e tem que limpar"; "ninguém usava máscara, ninguém usava nada ali dentro. Era normal. Tinha o EPI [Equipamento de

25 Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/rio20/o-brasil-sem-amianto-indenizacoes-milionarias-4953058>

Proteção Individual] completo. Mas ninguém te obrigava a usar".

Uma questão surge sobre a percepção de proteção dos próprios trabalhadores em relação à exposição ao amianto. Quando pergunto a Jeto sobre os equipamentos de proteção individual que estavam à disposição dos funcionários, ele cita que havia "máscaras, luvas, avental e capacete. Segurança para tudo". Nesse trecho da entrevista, dou-me conta de que com "segurança para tudo" Jeto também queria dizer que, no seu entendimento, os equipamentos que ele e os colegas vestiam poderiam oferecer proteção adequada e suficiente inclusive para os riscos (que só passaria a saber anos depois) do amianto.

— O EPI sempre teve. Quando eu passei a encarregado, eu falava para os caras: 'Se você for entrar dentro de uma molassa, onde mexe mesmo a fibra, usa a máscara' — descreve ele.

Essa percepção não se constrói à toa. O grupo empresarial da Eternit e o *lobby* do amianto no Brasil lançaram mão de múltiplas estratégias[26] para buscar legitimar o "uso controlado" do mineral. Sobre a exposição do trabalhador nas empresas que lidam com fibrocimento de amianto, o *Dossiê Amianto Brasil*, elaborado pelo Grupo de Trabalho (GT) da Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento para analisar as implicações do uso do mineral no país, em 2010 apontou para o seguinte:

> O GT reconhece que algumas empresas adotaram medidas para controlar a dispersão do pó de amianto. A planta industrial de hoje em nada se compara à do passado. No entanto, devido às suas peculiaridades naturais, a fibra do amianto escapa a este controle na mineração e nas fábricas. Os procedimen-

26 Parte dessas estratégias serão detalhadas no capítulo 4.

> tos adotados reduzem a exposição do trabalhador ao amianto, mas se toda exposição representa risco, como alerta a OMS e diversos estudiosos, a parafernália de segurança serve apenas como marketing do negócio. (*Dossiê Amianto Brasil,* 2010, p. 138).

Era fevereiro de 1989 quando a primeira lavanderia de empresa da Eternit de Osasco começou a operar[27]. De acordo com os registros de sua carteira de trabalho, Jeto já havia completado seu 13º ano na fábrica. E onde estavam sendo lavados os uniformes daqueles funcionários até aquele ano? Em suas próprias casas. Esta seria a outra face da exposição ambiental ao amianto, desta vez apresentada aos familiares dos trabalhadores.

Em outras palavras, Jeto — assim como centenas de trabalhadores daquela planta e outros milhares de trabalhadores da indústria de fibrocimento pelo globo — não sabia que, ao deixar a fábrica para descansar o corpo do expediente de trabalho e rever a família, carregava para dentro do próprio lar fibras cancerígenas impregnadas no uniforme que em pouco tempo seria lavado por sua esposa.

***

Toda semana Fatima, 67 anos, sabia que os uniformes do marido chegariam para ser lavados e passados. Entre outras atribuições dos afazeres domésticos, deixava a postos as duas trocas de camisas e calças cinza que seriam usadas pelo marido no decorrer daqueles dias. Sem poder contar com uma máquina

27 Disponível em: <https://www.fenprof.pt/media/download/14575B8E-F0177A1D08726AEDD21CDCE0/livro-20novo.pdf>

de lavar para facilitar o processo, realizava a higienização das peças à mão. Ao esfregar o uniforme, via os resíduos se dispersarem no ar.

— *Não tinha creche para ficar com as crianças e eu fiquei com ela* [Rafaela] *em casa. Aí foi quando eu mais comecei a lavar as roupas* [de trabalho] *dele, e ela bebezinha. Mas na gema*[28] *eu já lavava, lógico. Nossa, a roupa vinha dura de amianto. Quando vinha, eu deixava dentro do tanque com água. E esfregava na mão mesmo. Pegava a bucha de lavar roupa e esfregava na mão. Aquilo levantava. E a gente... aspirava* — descreve Fatima.

Lavar os uniformes vindos da Eternit também foi uma tarefa, e motivo de preocupação, que recaiu sobre Maria Aparecida Lourenço, 76 anos. Viúva de Cícero Campos de Oliveira, contratado pela Eternit nos anos 1980 como eletricista, ela procurava seguir à risca as instruções do marido para tentar proteger a si e aos filhos — uma vez que só viria dele algum tipo de informação sobre o perigo que adentrava sua casa.

Cícero trabalhou por cerca de 9 anos na Eternit de Osasco. Quando saía da fábrica, trazia seu uniforme embalado por duas sacolas e alertava a esposa:

— *Cida, para você lavar essa roupa minha, você vai pegar um balde com água e colocar com a sacolinha e tudo dentro para que o pó não te prejudique. Porque é muito perigoso. Lá, a gente trabalha de luva e muitas vezes de máscara.*

Maria Aparecida relata que, com o passar dos anos, seu marido passou a falar da ocorrência de palestras na Eternit que tratavam do amianto e de burburinhos que ouvia correr no ambiente da fábrica sobre os malefícios do mineral.

---

28 Quando estava grávida da filha.

Ainda assim, lamenta pelas famílias que não sabiam ou tampouco acreditavam nos riscos que o amianto oferecia. "Havia pessoas que punham a roupa no varal e batiam com o cabo de vassoura para cair o pó. Isso é uma loucura. Um perigo. Infelizmente, muitos diziam 'ah, que nada, isso é bobagem'", recorda.

Quando os uniformes de Cícero passaram a ser lavados pela Eternit, o eletricista já havia adotado alguns hábitos para tentar evitar a dispersão do pó em casa. Ainda na fábrica, tirava o uniforme que seria higienizado e tomava banho. Mal chegava em casa, seguia para o chuveiro para uma segunda ducha.

— *Lavava a roupa dele com medo de me contaminar. Durante todo o tempo que ele trabalhou lá. Só no finalzinho, quando ele ia sair, que deixava a roupa para lavar lá* — diz Maria Aparecida, que evitava colocar o uniforme do marido na máquina de lavar junto às outras peças de roupa da família.

Certa vez em uma consulta, enquanto acompanhava os exames do marido, Maria Aparecida quis saber mais sobre o tal do amianto e as doenças que ele provocava. No momento, um médico cardiologista com quem sempre conversava a informou sobre os casos de exposição e contaminação que aconteciam com vizinhos às fábricas e familiares de trabalhadores de indústrias de fibrocimento.

— *Ele me falou que morriam muitas pessoas por causa do amianto. Só do ar, do ambiente. Me explicou que mesmo as pessoas que não trabalhavam lá dentro, só de morar ali por perto poderiam ser contaminadas. Fiquei horrorizada quando ele falou isso pra mim. Achava que era só com quem trabalhava lá dentro. Fiquei morrendo de medo.*



Movida pela conversa e pelo receio de ter desenvolvido alguma doença, deu início a uma bateria de exames com o marido que incluíam tomografias e espirometrias. Em um laudo médico de março de 2025, o exame de tomografia de tórax de Cícero indica: *"Conclusão: Placas pleurais calcificadas relacionadas à exposição prévia ao asbesto"*. Embora também tenha sido exposta, os últimos exames de Maria Aparecida não indicaram alterações relacionadas ao amianto. Fatima Neves não poderia dizer o mesmo.

***

Nascida no município de Colina, no interior de São Paulo, Fatima morou a maior parte da infância em Barretos, cidade vizinha. Aos 9 anos, junto da mãe, Deolinda, do pai, Marcolino, e de três de suas cinco irmãs, mudou-se para Osasco. A família morava de aluguel no bairro Jardim Cipava. Marcolino, que na época estava com seus 80 anos, não trabalhava mais. Saíam Fatima, uma das irmãs e Deolinda para trabalhar enquanto a caçula ficava na companhia do pai.

— *Minha mãe trabalhava muito. E a gente tinha que ajudar ela a pagar o aluguel. A gente morava numa favela ali do Jardim Cipava. Quando minha mãe não conseguiu mais pagar o aluguel, fomos morar num barraco que a prefeitura doou* — recorda Fatima.

Deolinda trabalhava como cozinheira em uma pensão no bairro Cidade de Deus, a cerca de quatro quilômetros de distância de onde morava. Numa certa noite, ao fazer o rotineiro trajeto de volta para casa, foi surpreendida por um carro que avançou o sinal vermelho enquanto atravessava uma rua no bairro Vila Yara. Morreu após ficar cerca de dois meses internada. "Ela foi atirada para longe. Um cara bêbado atravessou o

farol com ela passando", lembra Fatima, que acompanhada das irmãs, também menores de idade naquele momento, passou a morar na casa da irmã mais velha, ainda no Jardim Cipava.

Àquela altura, aos 16 anos, Fatima já havia trabalhado como babá e empregada doméstica. "Como não tinha completado os estudos, comecei a trabalhar como empregada doméstica. E continuei trabalhando, agora ajudando minha irmã [mais velha]", diz ela. O emprego nas oficinas de costura, no período em que conhece Jeto, viria a seguir, aos 19 anos.

***

Além de agarradas ao tecido dos uniformes, as fibras de amianto ainda entraram nos lares dos trabalhadores através dos rejeitos industriais doados pela Eternit aos empregados[29].

— *Com o feltro, onde passava a massa do amianto, eu fiz tapete para pôr dentro de casa. Porque eram uns feltros novos. Era melhor que carpete. Eu levava. Os filtros, quando rasgam das máquinas, dos tubos, que eram novos, fazia de tapete para o carro, para pôr dentro de casa. Você nem imaginava o que estava pondo dentro de casa. Porque para nós a Eternit era uma mãe* — diz Jeto.

Durante as entrevistas, eu ouviria relatos como esse se repetirem outras vezes:

— *O caminhão trazia os retalhos de moído de amianto para os caras calçarem seus terrenos. Muitas pessoas levavam para casa. Viviam pisando no amianto dentro de casa. Criança, Mulher. Eles* [Eternit] *doavam. O feltro a turma dava para fazer tapete. No começo eles vendiam, depois eles doavam. Isso aí vinha impregnado de amianto.*

29 Dossiê Amianto Brasil, p. 522, 2010.

Você batia, batia. Eu fiz uma casinha para minha filha brincar com essa merda aí. Não sabia — diz Doracy.

— *No fim da empresa, ela começou a lavar a nossa roupa. Até então, levava para casa e a esposa que lavava. Era dessa forma* — diz Devanir.

— *Minha mulher lavou minhas roupas. Lavou até os tapetes velhos sujos* [de amianto]. *Naquela época, as mulheres todas lavavam a roupa do marido. Levei muito tapete para casa* — diz Eliezer.

Fatima também lavava esses rejeitos, repetindo os mesmos processos que utilizava para os uniformes. "As coisas que ele trouxe para gente forrar o chão eu também esfregava com a buchinha. Tudo na mão", lembra ela. Só soube dos riscos da exposição ao amianto quando passou a participar das reuniões da Abrea, em 2010.

— *Nunca nem entrei na Eternit. Não era funcionária. Quando eu comecei a participar* [das reuniões da Abrea]*, fiquei sabendo que era realmente perigoso. Eles pediram para as esposas fazerem exames também* — recorda Fatima.

Após alguns minutos procurando entre as pastas em que organiza seus documentos, Fatima volta para a sala onde fazíamos a entrevista com um apanhado de exames médicos em mãos. Foram nove anos esfregando os uniformes e rejeitos da Eternit (ou como consta naqueles papéis, tivera "uma história de exposição ambiental ao amianto por 9 anos"). Um laudo médico de 2016 assinalava o resultado: *"Conclusão: Doença pleural relacionada ao amianto"*. A tomografia de tórax indicou as calcificações no diafragma direito. "Foi aí que eu descobri", diz.

Naquele mesmo maio de 2016, Jeto também recebeu o relatório de reavaliação médico: *"Conclusão: Doença pleural relacionada ao asbesto"*. Entre os resultados obtidos através da tomo-



grafia de tórax, constam placa pleural à direita, espessamento pleural à direita e placa no diafragma esquerdo. Jeto diz que este foi o último exame que fez relacionado à exposição ao amianto.

Fatima seguiu com as reavaliações e passou a deixar na agenda o retorno que faz anualmente. Também faz uso de medicação com efeito broncodilatador duas vezes ao dia. "Eu tomo esse remédio para a falta de ar, canseira. Para respirar melhor. E eu sou esperta, viu? Não sou mulher mole, que fica dengosa. Sempre fui muito ligeira."

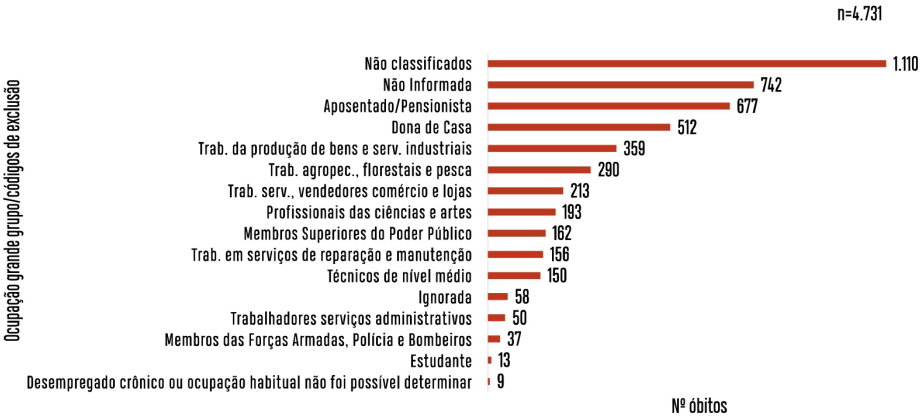
***

Dados do levantamento *Saúde Brasil* (2019) corroboram os relatos de Fatima, Jeto, Maria Aparecida, Eliezer, Devanir e Doracy, e oferecem uma visão amplificada dos efeitos da exposição às fibras do amianto — particularmente no contexto doméstico. Na série de 1996 a 2018, a análise por ocupação mostra que as donas de casa representaram 10,8% dos 4,7 mil óbitos relacionados à exposição ao amianto[30]. Além da chance de que a ocupação anterior dessas mulheres possa ter sido ignorada no período do óbito, o relatório indica para:

> [...] a possibilidade de que a exposição ao amianto possa ter ocorrido durante a lavagem de roupas e manuseio de objetos dos maridos que trabalhavam em contato com a fibra, ou até mesmo pelo fato das famílias dos trabalhadores residirem próximos às minas e às indústrias. (*Saúde Brasil,* 2019, p. 256).

30 Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_brasil_2019_analise_situacao.pdf>

Frequência absoluta dos óbitos segundo ocupação por grande grupo e códigos de exclusão — Brasil, 1996 a 2018



Fonte: extraído de Saúde Brasil 2019 — uma análise da situação de saúde com enfoque nas doenças imunopreveníveis e na imunização. Ministério da Saúde, 2019

Em 2008, o médico do trabalho Vilton Raile publicou na revista científica chilena *Ciencia & Trabajo* um artigo sobre o estudo que avaliou, entre 2003 e 2005, 74 esposas que lavaram as roupas usadas pelos maridos durante o trabalho em uma indústria de fibrocimento em Osasco[31]. Nenhuma delas relatou trabalhos anteriores com exposição ao mineral e nenhuma delas residia nos arredores da indústria. 13,1 anos foi a média de tempo em que essas mulheres foram expostas de forma ambiental. 12 delas (16,2%) apresentaram alterações radiológicas (isto é, mudanças que podem ser detectadas por meio de exames de imagem, como

31 RAILE, Vilton. Asbesto y Medio Ambiente No Ocupacional: Presentación de Datos Preliminares de Alteraciones Radiológicas en Cónyuges de Ex Trabajadores de una Industria de Fibrocemento Del Municipio de Osasco. Ciencia & Trabajo, v.10, n. 28, p.57-62, 2008.

a radiografia e a tomografia computadorizada) associadas à exposição ao amianto — a pesquisa mapeou casos de alterações na pleura (espessamento pleural) e no tecido pulmonar.

Tendo em vista esse cenário, o adoecimento e óbito de *donas de casa* — quando interpretados pela lente da divisão heterossexual do trabalho, caracterizada por designar de forma prioritária homens à esfera produtiva e mulheres à esfera reprodutiva[32]—, podem sugerir que a cadeia produtiva do amianto tenha se beneficiado do trabalho doméstico não remunerado exercido por essas mulheres (caso da lavagem dos uniformes) enquanto as expunha a um agente reconhecidamente nocivo.

Eliana Guimarães Félix, doutora em saúde pública e pesquisadora do Centro de Estudos em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana da Fiocruz, destaca que a exposição ao amianto no ambiente doméstico envolveu diferentes grupos sociais e ainda hoje carece de dados que possam dimensionar os casos de adoecimento. "Essas atividades tinham domínio praticamente das mulheres, mas não só. Temos que enxergar que isso vai além do gênero. Crianças também lavavam esses uniformes. Não se sabe como está a saúde dessas pessoas", aponta. "Se no caso dos trabalhadores já temos dificuldades, mesmo com legislação em vigor há anos, imagine no caso desses subgrupos que estão no ambiente doméstico. Não temos a extensão desse adoecimento. Não existem esses dados."

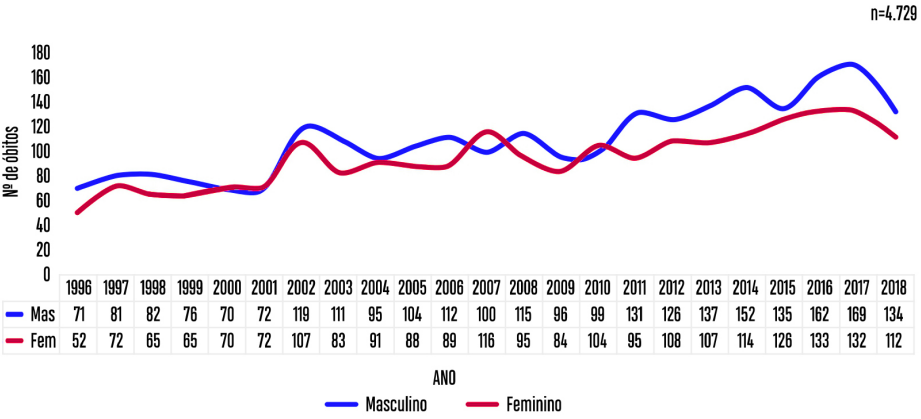
Com a precariedade de informações, dificulta-se a vigilância e assistência em saúde aos indivíduos expostos nesses contextos. "Precisamos transformar essas necessidades em ações estratégicas que possam amparar e acolher esse núcleo familiar

32 HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Cadernos de pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

que foi envolvido. A informação não chegava, não chegou, e essas pessoas foram contaminadas", avalia a pesquisadora.

De acordo com o levantamento, 46,09% dos óbitos por exposição ao amianto foram do sexo feminino. Ao tratar-se do adoecimento de mulheres, também é possível abordar efeitos específicos da contaminação pelas fibras em decorrência da exposição ambiental e/ou ocupacional.

Frequência absoluta dos óbitos segundo sexo e ano — Brasil, 1996 a 2018



Fonte: extraído de Saúde Brasil 2019 — uma análise da situação de saúde com enfoque nas doenças imunopreveníveis e na imunização. Ministério da Saúde, 2019

A Agência Internacional de Pesquisa sobre o Câncer (IARC) da OMS classifica o câncer de ovário como causalmente

associado à exposição ao asbesto[33]. Em 2023, a neoplasia maligna de ovário (termo médico que descreve o câncer de ovário) decorrente da exposição ao amianto em atividades de trabalho passou a integrar a Lista de Doenças Relacionadas ao Trabalho (LDRT) organizada pelo Ministério da Saúde[34].

A questão das doenças asbesto relacionadas típicas de mulheres é um dos temas sobre o qual a pesquisadora Eliana Guimarães Félix tem se debruçado. Ao analisar o município de Pedro Leopoldo, Minas Gerais, demonstrou por meio da dimensão do trabalho, do adoecimento e da busca por direitos e saúde diferentes impactos da exposição ao amianto entre homens e mulheres.

"Nessa região, houve uma greve na década de 1980. E quem a indústria decide recrutar? As mulheres. Eles partiram para regiões periféricas e contrataram as mulheres, que viam ali uma oportunidade de ter um trabalho assalariado e registrado. Sem nenhum tipo de treinamento, elas tocam a fábrica. Tendo que cumprir metas iguais às dos homens e recebendo menos. Essas mulheres trabalhavam na fábrica e trabalhavam em casa, nas atividades de reprodução: lavavam as suas roupas, que estavam contaminadas com amianto, as roupas do marido e ainda trabalhavam naquele local de exposição. Elas relatam que as roupas chegavam duras, devido às fibras que havia ali, e que precisavam raspar essa fibra para conseguir lavar as roupas", explica a pesquisadora sobre as múltiplas formas de exposição a que as mulheres foram submetidas.

---

33 INCA. Ambiente, trabalho e câncer: aspectos epidemiológicos, toxicológicos e regulatórios. INCA, 2021, p. 130. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2021/05/1179334/ambiente_trabalho_e_cancer_-_aspectos_epidemiologicos_toxicolo_6sBSmac.pdf>

34 Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-gm/ms-n-1.999-de-27-de-novembro-de-2023-526629116>

"A atualização da Lista de Doenças Relacionadas ao Trabalho com o câncer de ovário já é um passo. Mas essas mulheres estão sendo investigadas? Uma questão que chamou muito a minha atenção foi a quantidade de abortos com que me deparei nessa população, e o quanto isso mudou a história de vida familiar daquela região. Não encontrei amparo acadêmico para essa informação. Ainda há muito o que se estudar. Precisamos fazer essas questões, mesmo que essas respostas ainda não existam", afirma a pesquisadora.

— Fulano faleceu sem ter um tratamento digno, ele trabalhou, lutou a vida inteira... além de morrer com o problema, trouxe o problema para casa, para mulher, para os filhos. E a Eternit não... O marido, sim, tinha direito de recorrer, de lutar. Mas a mulher e os filhos, não? Por quê? Você não era funcionário. É injusto isso. Isso é muito triste. Poxa vida, mas se você está doente, é por causa do marido — diz Fatima.

Em relação à exposição ambiental, a doutora em direito do trabalho e da seguridade social e docente da Escola de Direito de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Olívia Pasqualeto, explica que pessoas contaminadas por agentes tóxicos têm meios para exigirem seus direitos. "Quando falamos dos empregados de uma empresa, não há dúvidas de que a Justiça do Trabalho e todo o sistema de Justiça Trabalhista vão endereçar esse assunto. Agora, quando falamos de vizinhos, por exemplo, essas pessoas vão ser consideradas consumidores por equiparação. Não são pessoas que efetivamente compraram o produto, mas que foram impactadas 'por tabela', por estarem próximas dessa atividade econômica. Nesse caso, essas pessoas certamente deveriam ir, por exemplo, à Justiça comum discutir se aquela atividade econômica gerou um risco tal para aquela comunidade que precisa ser indenizada", diz a pesquisadora.

4.

A LUTA E O LOBBY

Para boa parte daqueles trabalhadores, estar em uma empresa multinacional como a Eternit era uma baita chance — especialmente quando o emprego na fábrica confirmava a transição da realidade do trabalho informal, por vezes no contexto rural, para um trabalho com carteira assinada.

— *Para mim, eu estava entrando no céu ali, porque foi uma das melhores fábricas da região, não só de Osasco. Pagava bem, o horário de trabalho não era ruim* — diz Eliezer.

— *Eu gostava do que eu fazia lá, gostava de lá. A firma era boa, pagava bem. Só que tinha essa bosta do amianto e nós não sabíamos. Ninguém sabia* — diz Doracy.

A empresa estabelecera uma relação com seus empregados na qual representava para eles a fonte de renda própria, valorização do município, além de via de lazer e a socialização familiar. Não à toa, passou a ser chamada de *"mãe Eternit"*.

— *A Eternit foi um empreendimento muito forte em Osasco. Aqui era um brejo, não havia cidade* — diz Jeto.

Mas era questão de tempo até que a redoma em torno do amianto apresentasse trincas. Os casos de adoecimento emergiram e o silêncio sobre as fibras passou a ser substituído pelas demandas por justiça. Nesta luta, a figura da *"mãe"*, que até então parecia cuidar de sua prole, passaria longe.

— *Não tinha o que reclamar. O salário era bom. Festas de Dia das Crianças, Natal. Havia um clube com festas só para as famílias. Coisas muito boas mesmo. Mas matando o povo, aí não tem graça* — diz Fatima.

— *Ela* [Eternit] *largou um câncer aqui em Osasco que não vai curar nunca. A turma chamava de mãe. Olha aí, que mãe é essa?* — diz Doracy.

Ao analisar a percepção positiva dos moradores de Minaçu, em Goiás, acerca das atividades de mineração de amianto pela Sama, o pesquisador em história da saúde Patrick Benaion,

da Fiocruz, indica que essa é uma visão que provém de uma relação paternalista entre empresa e empregado. Em outras palavras, é compreensível que aqueles trabalhadores se sentissem protegidos pela empresa, mas — considerando que nesta relação um polo estabelece as regras e o outro cede sua força de trabalho — o *"cuidado"* e posição de *"mãe"* assumidos pelas empresas de fibrocimento posteriormente se mostraram ser, também, convenientes.

Sobre essa percepção, a professora da FGV Olívia Pasqualeto aponta ainda para a questão da dependência econômica. "É importante ter em mente que, para além desses trabalhadores não terem sido informados, mesmo que alguns talvez soubessem de riscos, existe uma necessidade do trabalho. Se a pessoa está lá, depende daquela remuneração. Talvez não seja só uma escolha simples, parar de trabalhar para no futuro não ser prejudicado", avalia a pesquisadora, também lembrando do caso dos trabalhadores expostos ao amianto em Minaçu.

— Olha, eu vou ser muito sincero com você. Eu sei que hoje não há mais essa possibilidade. Mas se a Eternit me chamasse para trabalhar, eu aceitaria, desde que não me fizesse mal. Porque o que eu tenho na vida foi pela Eternit. Nessa parte, eu não posso reclamar. Mas ela nos enganou. O mal foi esse. Em todos os sentidos ela nos enganou, por isso que ela nos tratava muito bem. No final, a gente ficou sabendo que ela nos enganou desde quando existiu. Essa é uma mágoa que eu trago — diz Devanir.

Em uma alusão a uma possível árvore genealógica da Eternit brasileira, o ex-trabalhador Jeto dos Santos faz um comparativo interessante: se em algum momento a Eternit fora uma mãe, agora a empresa se parecia, para ele, mais como um filho

que foi deixado para trás pelos pais.

— *Acho que eles pesquisam onde vão* [se instalar]... *Se o pai da criança está com a corda no pescoço lá, vão eliminar* — diz Jeto, em uma síntese assertiva sobre os destinos das fibras pelo globo.

Em 1977, a Iarc, vinculada à OMS, reconhece o amianto como um agente cancerígeno. Desse período em diante, proibições e o banimento do mineral na Europa ganharia coro — a Suíça o fez em 1989; a Bélgica, em 1998. No meio do caminho, em 1990, os *"pais"* da Eternit brasileira (para usar os termos de Jeto) vendem suas respectivas partes da empresa, e a *"criança"* é, então, nacionalizada[35]. O Brasil, assim como seus vizinhos da América Latina, continuaram o beneficiamento das fibras do mineral. Ou seja, o pó do amianto passou a ser varrido para longe.

"As empresas e as pesquisas científicas começaram a saber quais eram os potenciais riscos do amianto. Acredito que um problema nessa história toda é que, em geral, os trabalhadores foram os últimos a saber. Em países do norte global, os riscos do uso do amianto já eram mais disseminados e conhecidos. Muitas dessas empresas continuaram a usar essa substância aqui no Brasil e em outros países em desenvolvimento. E, de novo, os trabalhadores do Brasil e de países em desenvolvimento, de maneira geral, foram os últimos a saber desse risco. As empresas continuaram usando e não repassando essas informações para os trabalhadores", explica Olívia Pasqualeto.

35 BENAION. Patrick B. Das Telhas às Cortes: A história do amianto no Brasil e os conflitos pelo banimento. Rio de Janeiro, 2025, p. 57. Disponível em: <https://arca.fiocruz.br/items/69cae6ca-1c5b-4efe-8f7c-c778da01e2b7>

EVOLUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO SOBRE O AMIANTO (1898 a 1977)

1898

Lucy Deane, inspetora industrial, reporta ao Relatório Anual do Inspetor-Chefe de Fábricas e Oficinas da Inglaterra *"efeitos maléficos"* do pó do amianto em trabalhadores da indústria têxtil, como doenças pulmonares.

1907

H. Montagne Murray, médico inglês, descreve fibrose pulmonar em trabalhador que manipulava amianto em atividade de fiação.

1924

Cooke, patologista, estabelece, definitivamente, a correlação entre ocupação e o desenvolvimento de doença grave, fibrose pulmonar (posteriormente chamada de asbestose).

1930

Relatório epidemiológico enviado por Merewether e Price, inspetores médicos, ao parlamento britânico aponta relação entre exposição ao amianto e o desenvolvimento de doenças — o que impulsiona a adoção inicial de medidas de segurança e inspeção médica no ambiente de trabalho.

1934

Thomas Legge, médico britânico, propôs à Inglaterra que a asbestose fosse incluída à lista de doenças profissionais.

1935

Gloyne e Lynch & Smith, patologistas, descrevem pela primeira vez o potencial cancerígeno do amianto em seres humanos.

1949

Merewether indica no Relatório Anual da Chefia da Inspeção das Fábricas, enviado ao Reino Unido, que cerca de 13% dos pacientes com asbestose observados tiveram como causa da morte o câncer de pulmão.

1955

Richard Doll, epidemiologista britânico, estabelece, definitivamente, a relação de causalidade entre a exposição ocupacional ao amianto e o desenvolvimento de câncer de pulmão.

1960

John Wagner, patologista, e seus colaboradores descrevem a relação entre exposição ao amianto e o mesotelioma. Os estudos confirmaram 33 casos de mesotelioma pleural na África do Sul — destes, 32 eram de trabalhadores de minas de amianto.

1965

Murie Newhouse e Hilda Thompson, médicos, confirmam a relação de causalidade entre a exposição ao amianto e o mesotelioma de pleura ou peritônio a partir de casos analisados em Londres, na Inglaterra.

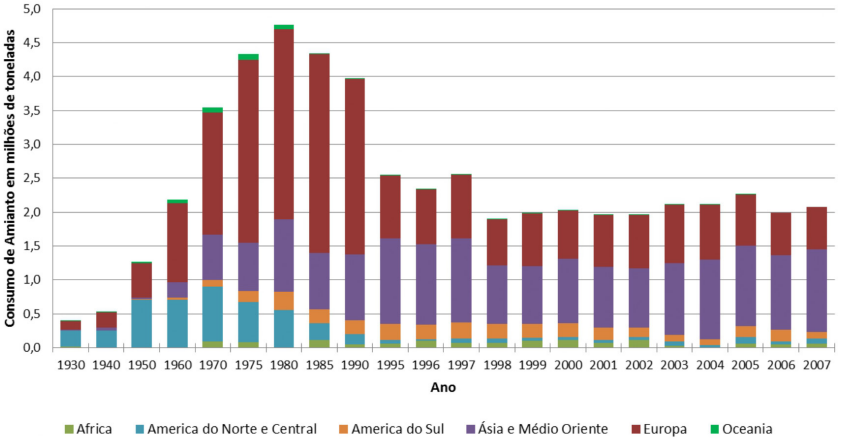
1977

A Agência Internacional de Pesquisa sobre o Câncer (IARC), da OMS, confirma a existência de evidências suficientes sobre o potencial cancerígeno do amianto em humanos.

Fonte: MENDES, René. Asbesto (amianto) e doença: revisão do conhecimento científico e fundamentação para uma urgente mudança da atual política brasileira sobre a questão. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2001, p.7-29.

Mesmo com os efeitos nocivos do amianto para a saúde humana sendo documentados desde 1898, a indústria do amianto manteve a cadeia produtiva do mineral ativa. Entre os anos de 1940 e 1980, o consumo mundial de asbesto foi crescente. Foram 4,7 milhões de toneladas consumidas em 1980, dentre as quais estima-se que 66% foram referentes apenas à produção de materiais de cimento-amianto.

Consumo mundial de amianto — 1930 a 2007



Fonte: MARTINS, Cláudio. Segurança e saúde na construção: amianto e substâncias perigosas. Universidade de Coimbra, 2011, p. 260.

A articulação dos representantes da indústria do amianto para a criação do cartel Saiac (posteriormente chamado de Amiantus), em 1929, dá conta de explicar um pedaço da sobrevida do amianto diante das descobertas das doenças e mortes. Ali estavam empresas com sede na Áustria, Inglaterra, Espanha, França, Bélgica, Itália e Suíça (como era o caso da Eternit belga e suíça). Assim como é típico das atividades de cartéis, os em-

presários do amianto e seus acionistas monopolizaram o mercado, fixaram o preço internacional do mineral, estabeleceram alianças comerciais com mais de 30 países e favoreceram a formação de lobbies em favor da demanda das empresas junto aos Estados[36].

Sobre a atuação de lobbies, Conrado Almeida Gontijo, doutor em direito penal pela USP, explica em sua tese de doutorado, em referência ao livro *Total Lobbying: what lobbyists want (and how they try to get it)* (2006), que esses grupos "buscam influenciar a opinião dos agentes do Estado nos processos decisórios que impactem os interesses que representam por meio da participação em comitês e audiências técnicas que tenham como objetivo discutir propostas de criação ou alteração legislativa; por meio de reuniões com os tomadores de decisão da esfera pública; da apresentação de minutas de textos para eventual submissão a votação em casas legislativas e, até mesmo, por meio da concessão de vantagens a agentes públicos"[37].

Em uma matéria de 2010, a emissora britânica *BBC* apontou que o lobby do amianto gastou, desde meados da década de 1980, quase 100 milhões de dólares apenas com Canadá, Índia e Brasil para apoiar a venda do mineral[38].

Outro pedaço dessa história e explicação para a guinada do uso do amianto a partir dos anos 1940 está no próprio período no qual ela ocorre: durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Os territórios arrasados foram vistos como uma oportunidade e tanto para a indústria do amianto.

---

36 BARBOSA, Fábio M. T. Imperialismo e produção do espaço urbano: a indústria do amianto e a construção da cidade de Minaçu - GO. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

37 GONTIJO, Conrado A. C. Lobby : estudo de direito comparado e necessidade de regulamentação do instituto no ordenamento jurídico brasileiro. Universidade de São Paulo, 2019, p. 46.

38 Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-10623725>

EVOLUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO SOBRE O AMIANTO (Brasil, 1956 a 1997)

1956

Carlos Martins Teixeira e Manoel Moreira, médicos, identificam seis casos de fibrose pulmonar compatíveis com formas iniciais de asbestose em trabalhadores da Fama (Eternit), em Nova Lima, Minas Gerais.

1975

Diogo Pupo Nogueira, médico, e seus colaboradores descrevem caso de asbestose em trabalhador de indústria de cimento-amianto e reforçam o papel da anamnese ocupacional (entrevista feita pelo médico com o trabalhador).

1976

Manoel Ignácio dos Santos, médico do trabalho, e colaborador descrevem três casos de asbestose em situações ocupacionais diferentes (fábricas de tintas,de isolantes térmicos e em moinho de beneficiamento de amianto)

1980

Reynaldo Quagliato Júnior, pneumologista, informa à comunidade científica, em publicação no Jornal de Pneumologia, caso de asbestose em trabalhador de indústria de cimento-amianto.

1982

M. Lyra, em estudo feito em indústria de lona de freios, relata quatro casos prováveis de asbestose e um caso de mesotelioma.

1983

José Luiz Costa, médico, descreve 14 casos de asbestose entre os 86 trabalhadores de uma indústria de cimento-amianto na região de Leme, São Paulo.

1986

São apresentados durante o *Seminário Nacional sobre Exposição ao Asbesto: aspectos ambientais e ocupacionais*, realizado em São Paulo, 12 estudos relacionados ao amianto. O evento é considerado o marco das discussões sobre os riscos do amianto no Brasil.

1995

É apresentado no 5º Congresso de Pneumologia e Tisiologia do Rio de Janeiro estudo no qual teriam sido encontrados 15 casos de asbestose entre os trabalhadores expostos ao amianto numa indústria naval do estado do Rio de Janeiro.

1997

Eduardo Mello De Capitan, médico, e seus colaboradores registram três casos de mesotelioma maligno de pleura na região de Campinas, São Paulo. Em um dos casos, a exposição ao amianto foi ambiental, no contexto doméstico.

Fonte: MENDES, René. Asbesto (amianto) e doença: revisão do conhecimento científico e fundamentação para uma urgente mudança da atual política brasileira sobre a questão. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2001, p.7-29.

"Nos anos 1940, com a destruição da Europa, eles praticamente ignoraram o malefício do amianto. Havia muita mineração no mundo, principalmente no Canadá, que era a maior produtora na época. O Canadá junto da China, Rússia e Brasil, eram os quatro maiores produtores. Nos anos 1950 e 1960, a Europa foi praticamente reconstruída à base de amianto. Como lá as temperaturas são mais baixas, usaram revestimento à base de amianto nas paredes. Já aqui, no hemisfério Sul, optaram por fazer telhas e caixas d'água", explica Hermano Castro.

Como saldo da operação do lobby e da anuência dos Estados, a OMS estima que, anualmente, 200 mil mortes sejam causadas pela exposição ao amianto. No âmbito do trabalho, o mineral é responsável por 70% das mortes por cânceres ocupacionais[39]. "[A atuação dos lobbies] é nosso maior desafio, porque a ciência já apontava as doenças do amianto já no início do século 19", avalia o pesquisador da Fiocruz.

No Brasil, entre as estratégias utilizadas pela indústria do amianto para manter as fábricas em atividade frente ao movimento de banimento estava a defesa do "uso controlado". Para sustentar esse argumento, o empresariado do asbesto financiou pesquisas que davam a entender que era possível o uso seguro do mineral ao longo de toda a cadeia produtiva — o que não se sustentava na prática.

> A tese do uso controlado é parte de uma estratégia internacional da indústria do amianto. Uma estratégia que, na França, fez nascer o Comitê Permanente do Amianto (CPA), entidade de caráter governamental e privada, com o objetivo declarado de defender o

39 Disponível em: https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/asbestos

> amianto. Dominado pelo setor empresarial, técnicos do Governo e cientistas deste Comitê produziram vários "estudos científicos", que "revelam" a inocuidade da fibra. [...] A tese faz uso de argumentos falsos, construindo inverdades a partir da citação de pretensas posições de instituições internacionais de renome. Na falta de quem investigue a posição da instituição, fica a inverdade sedimentada, como se verdade fosse. (*Dossiê Amianto Brasil*, 2010,p. 132).

Essa política articulou pesquisadores de instituições renomadas do país, como a Universidade de São Paulo, Unicamp e Unifesp. Para fabricar a dúvida sobre o uso do amianto, a Sama, da Eternit, teve como aliados a junta médica formada pelos pneumologistas Mário Terra Filho, Luiz Eduardo Nery e Ericson Bagatin, autores da pesquisa que afastava a relação entre a exposição ao amianto e o adoecimento de trabalhadores das fábricas de fibrocimento após 1980. As pesquisas se deram através do financiamento público, Fapesp e CNPq, e privado, do empresariado do amianto, nas figuras da Sama e do Instituto Brasileiro de Crisotila. As instituições abriram investigações sobre a omissão da origem do fomento à pesquisa. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep) assinalou o conflito de interesse flagrante.

Soma-se às estratégias que a posição do empresariado foi a de endereçar o adoecimento dos trabalhadores à própria conduta dos empregados, em uma forma de julgamento moral. Arthur Pires Amaral, doutor em antropologia social pela Universidade Federal de Goiás, escreve em sua tese de doutorado que esse movimento envolveu atribuir culpa ao hábito de fumar cigarros, ingerir bebidas alcoólicas e não utilizar de maneira cor-

reta os EPIs disponibilizados[40].

Outra política adotada foi a de não divulgar aos empregados os resultados dos exames médicos feitos pelas empresas — e quando ocorria de os trabalhadores receberem os exames em mãos, porém, em parte dos casos não constavam doenças relacionadas ao amianto.

— *Quando chegava uma certa época do ano, eles vinham com um caminhão para ir fazer o raio-x. Acho que era sorteado. Conheci muita gente que foi, os mais doentes. Eles faziam os exames lá em São Paulo e não falavam nada. Aí o que eles faziam era que se a pessoa trabalhava num lugar muito poluído, eles mudavam de seção, traziam para a mecânica, pintura, limpeza* — diz Doracy.

"A questão da informação é chave para toda a discussão da saúde. E pouco foi esclarecido durante esse tempo de exposição. As coisas permaneciam invisibilizadas, ocultas mesmo. As discussões eram trancadas a chave", diz a pesquisadora Eliana Guimarães Félix.

***

Apesar do consenso internacional e das pesquisas nacionais sobre os efeitos do amianto, a decisão para o banimento no Brasil só veio em 2017. Após, ainda, ao princípio de precaução, com origem na Alemanha da década de 1930, ser estabelecido internacionalmente na Declaração Rio-92 das Nações Unidas. "Um ambiente de trabalho equilibrado se baseia na precaução. Ainda que não se tenha certeza absoluta de que aquilo irá cau-

40 AMARAL, Arthur P. Com o peito cheio de pó:uma etnografia sobre a negação do adoecimento de trabalhadores do amianto na cidade de Minaçu (GO). Universidade Federal de Goiás, 2019.

sar um risco, se há chances de que esse risco seja irreversível e muito perigoso, é preciso que aquele ambiente de trabalho seja protegido. Um ambiente de trabalho seguro é baseado em prevenir e antecipar os riscos para que eles não aconteçam", explica Olívia Pasqualeto.

Debaixo do teto da Eternit de Osasco, os trabalhadores estavam sob responsabilidade da empresa. Cabia a ela fornecer as condições de trabalhos adequadas e proteção suficiente, considerando os riscos conhecidos à época oferecidos por aquele ambiente de trabalho — de forma específica acerca do amianto, considerando o que já se sabia, nos aspectos ocupacionais e científicos, antes de mesmo de 1941 e até 1993. De forma geral, é essa responsabilidade (chamada de responsabilidade objetiva) que levou a Eternit a ser condenada pelo TRT-2 no caso de Devanir, por exemplo.

"Não digo que a legislação é plenamente seguida ou algo simples, mas hoje, em termos jurídicos, há um esclarecimento maior de proteção do ambiente de trabalho e tivemos um esclarecimento jurídico sobre como deve ser a responsabilidade do empregador em casos dessas atividades consideradas de maior risco", explica a professora de direito da FGV. "É dever da empresa informar sobre os equipamentos de proteção, se houver. E, nesses casos, os equipamentos de proteção devem não só ser fornecidos, mas devem ser atuais e ajudar, seriamente, na proteção das pessoas. Acredito que algo que evoluiu um pouco, em termos de legislação, diz respeito a esse direito à informação."

4.1 UM ELO PELA VIDA

Os ex-trabalhadores da Eternit de Osasco entenderam cedo que aquela não era uma luta a ser enfrentada individualmente: suas histórias precisavam ser contadas em coro — por isso, juntam-se aos trabalhadores da Thermoid (fabricante de lonas de freio). É a partir dessa premissa que em 1995, dois anos após a Eternit encerrar suas atividades na cidade, é fundada a Associação Brasileira de Expostos ao Amianto (Abrea) — a primeira organização do tipo no país e o pontapé de uma mobilização contra o uso do amianto que seria replicada em outros estados.

Desse momento em diante, começaria uma força-tarefa para localizar quem havia desenvolvido doenças. Em 1996, a Fundacentro passa a realizar exames médicos nos ex-trabalhadores de fábricas que utilizavam amianto da região de Osasco. Para mapear os casos e encaminhá-los aos tratamentos, também contribuíram instituições da saúde como o Centros de Referência em Saúde do Trabalhador (Cerest), o Instituto do Coração (InCor) e o Centro de Informação e Assistência Toxicológica de Campinas (CIATox), da Unicamp[41].

Ainda seria preciso trocar a roupa com a qual o amianto era apresentado à população. Isso demandou do movimento pelo banimento a produção de uma coleção de materiais informativos e a ida às ruas. Não seria simples ir de encontro ao que a propaganda da indústria do amianto havia estabelecido.

41 MOURA, Marina. Eternidade: a construção social do banimento do amianto no Brasil. São Paulo, 2019, p. 21-22.

— Nós fizemos uma primeira cartilha com o apoio do movimento sindical. Nós devemos ter feito uma cinco ou seis edições desta cartilha. Hoje ela tem mais sentido para quem não conhece, mas o objetivo dela já foi alcançado — diz Eliezer, que também é presidente da Abrea. — *A luta social também é* [por causa] *da desinformação do trabalhador.*

Audiências públicas, seminários e manifestações entraram de vez na agenda dos integrantes da Abrea.

— Você está vendo aquele caixão ali? Nós usamos muito esse caixão na luta contra o amianto. Nós levávamos para enterrar o amianto. E nós enterramos o amianto — diz Eliezer, apontando para uma réplica de caixão guardada na sede da Abrea, que era usada em eventos como a *Semana de Proteção contra o Amianto*, realizada em Osasco. Quem construiu a peça que levava pessoas a fazerem o sinal da cruz nos atos da Abrea foi João Batista Momi, que trabalhou por 32 anos na Eternit de Osasco e morreu devido a asbestose.

***

Nascido em Virgolândia, Minas Gerais, Eliezer João de Souza cresceu em uma família que cultivava alimentos para consumo próprio, mas sobretudo como meio de renda. Em busca de oportunidades de emprego, faz as malas em direção ao estado de São Paulo em 1965. Com 23 anos naquele início da ditadura militar, conseguiu um emprego na construção da Rodovia Castello Branco no qual permaneceu durante três anos. Soube, então, de uma oportunidade em uma empresa metalúrgica na Mooca, bairro da zona leste da cidade de São Paulo. Estava tudo encaminhado para começar, mas um amigo de quem era muito próximo o pediu para que se mudasse para Osasco.

— Nós éramos igual irmãos. Sabe aquele amigo que você fica sem jeito de falar não? Acabei indo, e ele me arrumou um serviço na Eternit.

No setor de corte e acabamento, Eliezer trabalhou exposto ao amianto de 1968 a 1981. A casa do amigo onde passou a morar era perto da fábrica, por isso escolheu fazer o trajeto de ida e volta de bicicleta. Saía cedo de casa e voltava às seis horas da noite. Quando chegava, aproveitava aquele tempo livre para assistir aos capítulos da novela.

Na década de 1970, já casado, Eliezer decide realizar sua matrícula no programa do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral). Criado em 1967 como propaganda da ditatura-militar, a proposta do Mobral era erradicar o analfabetismo em jovens e adultos em dez anos (passados cerca de 18 anos, porém, o índice de analfabetismo no país havia diminuído apenas em 2,7%)[42].

— Meu grau de estudo é muito baixo. Tenho diploma tirado no Mobral, só para a gente ter um diploma. Não estudei... Não sei por quê. Ninguém me incentivou e eu também não tive a influência para estudar.

Foi enquanto estava empregado da Eternit que Eliezer conheceu os movimentos pelos direitos dos trabalhadores. Ali, formou sua visão política e começou a olhar para a realidade da fábrica onde trabalhava a partir de outra perspectiva. Também passou a questionar:

— Eliezer, no próximo final de semana você vai trabalhar das 10h às 22h e não das 14h00 às 24h00, ok? — disse um supervisor da Eternit.

---

42 Disponível em: https://memoriasdaditadura.org.br/mobral-e-o-analfabetismo-funcional/



— Eu não vou não. Depois de dez anos na empresa você tem o horário garantido. Não pode ficar me trocando de horário.

— Mas quando você entrou aqui, assinou na sua ficha em concordância para qualquer horário.

— Isso foi há dez anos. Você não entende o direito do trabalhador? Vamos fazer o seguinte, você marca uma conversa com a chefe do administrativo que eu mesmo vou conversar com ela — respondeu Eliezer.

Quando chegou a quinta-feira na qual aconteceria a conversa, Eliezer foi até a sala onde esperaria por horas pela chefe do administrativo. "Troquei até o macacão, que estava cheio de pó, para conversar com ela mais limpinho", lembra ele. Mas ela não viria. No dia seguinte, Eliezer foi tirar satisfação com o supervisor:

— E aí, você não marcou lá para eu conversar com a chefe?

— Ah, rapaz, a mulher não quis te chamar não.

Eliezer conta que após esse episódio nunca mais recebeu nenhum pedido para trabalhar fora de seu horário habitual.

— Pensei: 'Caramba, a gente tem poder nesse negócio aqui. Estou começando a entender isso aqui'.

***

Embora tenha sido membro da Cipa (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes e de Assédio) da Eternit, Eliezer só soube dos riscos do amianto em 1995.

— Quando eu fui saber que o amianto é cancerígeno, já havia saído da Eternit há 14 anos.

Como resultado de cerca de 13 anos em contato com as fibras do mineral, Eliezer desenvolveu placas pleurais. Em 2000, teve de passar por uma cirurgia para a retirada de nódulos que

se formaram em sua pleura.

— Eu tenho amianto na pleura. Tirei um caroço da pleura, um corte de oito centímetros.

Em 1998, já imerso nas atividades da Abrea, foi eleito presidente pelos associados. Como representante da associação, passou a falar sobre os malefícios do amianto em congressos e seminários pelo Brasil e a coordenar as reuniões que passaram a ocorrer no Secor.

— O sistema capitalista tem tudo a seu favor. É um sistema voltado para a produção, dinheiro e para o poder. Então eles matam, tiram direitos e fazem o que querem. As empresas, o setor capitalista, sempre vão usufruir e desfrutar do trabalhador e da trabalhadora. Você já assistiu ao 'O homem que virou suco' [1971]*? O trabalhador que acabou em nada, acabou espremido mesmo. É a realidade. Essa é uma luta que a gente trava, outros já travaram e muitos morreram por causa disso.*

***

"Existe o passivo ambiental e nós somos o passivo humano", diz Eliezer num dos sábado de reunião. Naquela ocasião, os integrantes da associação discutiam o que as fábricas que utilizavam o amianto haviam deixado em Osasco. Alguns falaram sobre as telhas e materiais de fibrocimento que não fazem ideia de onde ou como descartar, outros lembraram os nomes dos familiares que ainda lidavam com as DARs ou que morreram devido a elas: "Meu pai morreu de mesotelioma do peritônio"; "Meu marido teve placas pleurais"; "Tenho placas". A cada relato que surgia, mais pessoas se identificavam, acenando com a cabeça em concordância.

Aquela não era a primeira nem última vez que as histórias e os nomes daqueles que foram contaminados com o amianto seriam lembrados. Revisitar as memórias, ainda que difíceis, é uma prática habitual entre os membros da Abrea — uma forma de garantir que o passado recente não seja esquecido.

Outro braço fundamental da atuação da Abrea é o auxílio jurídico aos ex-trabalhadores expostos que decidem abrir um processo judicial em busca de seus direitos. Fernanda Giannasi, engenheira civil que atuou por mais de 30 anos como auditora-fiscal do trabalho, é parte fundamental dessa mobilização — e da história da Abrea também.



Eliezer Souza na sede da Abrea. Ele aponta para uma foto tirada na festa de 50 anos da Eternit. (Foto: Aldrey Olegario)



Reunião da Abrea no Secor, em Osasco. (Foto: Aldrey Olegario)



Materiais com informações sobre o amianto distribuídos pela Abrea aos ex-trabalhadores de fábricas de fibrocimento. (Foto: Aldrey Olegario)

4.2 OLHOS VIGILANTES

"O PAPEL DA ABREA FOI TRAZER À CIDADE O CONHECIMENTO DE QUE ELA HAVIA ABRIGADO UMA SERPENTE, QUE TRAIU A TODOS"

Fernanda Giannasi

Era o ano 1995 quando a fábrica da Eternit em Osasco começou a ser destruída para dar lugar a um supermercado. Fernanda Giannasi, que à época atuava como auditora fiscal do trabalho, recebeu um chamado do Sindicato dos Metalúrgicos avisando que os resíduos da demolição estavam sendo jogados na Lagoa de Carapicuíba, na região metropolitana de São Paulo.

Tão logo recebeu o informe, resolveu chamar a imprensa para que a situação fosse registrada enquanto se ocupava d a interdição da obra. Não deu outra. A informação começou a circular, o que levou alguns dos ex-trabalhadores que passaram por aquela fábrica a se aproximarem. Já engajada no movimento pelo banimento do amianto, resolveu aproveitar o momento para entender qual era a situação dos trabalhadores de Osasco:

— *A gente não tem notícias de trabalhadores que adoeceram. Vou pedir essa ajuda para vocês, tá?* — disse Fernanda.

Conforme foi perguntando, chegou ao caso de do pai de uma de suas alunas:

— *Ah, tem meu pai, Fabiano. A pleura dele explodiu* — comentou a aluna.

— *Eu quero falar com o seu pai.*

A partir desse primeiro contato, Fernanda começou a conhecer a histórias de outros tantos trabalhadores. Uma rede havia começado a se formar.

— *Ali nasceu um núcleo, porque os trabalhadores acompanharam a demolição pela imprensa e aderiram rapidamente. Começamos com dois, Fernando e Fabiano. Depois tínhamos oito, e foi crescendo* — lembra Fernanda, sobre a mobilização que resultaria na fundação da Abrea naquele mesmo ano.



Demolição da planta da Eternit-Osasco em 1995. [Foto: extraído do acervo de Hagop Neto]

***

Nascida em Ribeirão Preto, no interior de São Paulo, Fernanda Giannasi cresceu em uma família de origem italiana e tradições católicas. Filha de servidores públicos — o pai era advogado e diretor em uma escola pública e a mãe era professora —, foi incentivada desde de cedo a ser uma aluna aplicada.

Na infância, entre as décadas de 1960 e 1970, testemunhou o assombro que pairava no ar por causa da ditadura-militar. Em frente a casa onde morava estava o prédio da 5ª Circunscrição do Serviço Militar. A janela do quarto dos pais de Fernanda era voltada para a rua. Ouvir o som vindo do outro lado era inevitável.

— O delegado Sérgio Paranhos Fleury, que era o chefe da repressão, ia para Ribeirão Preto para as sessões de tortura nesse prédio. Escutava-se aquela gritaria, pancadaria.

Pegar no sono nessas condições também seria uma dificuldade.

— Fui uma criança com muito medo do escuro. Sempre dormia mal. Descobri que parte disso foi porque eu levantava e via meus pais atrás da janela, espiando o que estava acontecendo. Eu ficava agarrada com eles. Aquilo me fez ficar muito medrosa.

O desejo do pai de Fernanda era que ela escolhesse ser médica ou advogada, mas o que ela amava mesmo eram os cálculos. No período do vestibular, em meados dos anos 1970, estava certa de que iria escolher o curso de matemática. Foi o comentário de um professor de física sobre engenharia que a fez reconsiderar a decisão. Em 1976, então, passa para o curso de engenharia civil da USP, em São Carlos, a 230 quilômetros da capital paulista. Na turma formada em 1980, Fernanda era uma entre seis meninas de uma sala de 180 alunos.

— Foi difícil, tive problemas de adaptação. Meu pai sempre me apoiou. Ele estava orgulhoso, porque era uma universidade de prestígio. Ele só dizia: 'Você fique longe das prostitutas, dos comunistas e dos maconheiros'. Pensei, bom, então não vou ter ambiente nenhum para mim [risos].

No início da década de 1980 também chegou a se casar, mas em pouco tempo decidiu pôr um fim no relacionamento — uma decisão que tomou com o apoio do pai, que logo tratou de trazer a filha de volta para Ribeirão Preto.

— *Foi um período difícil. Minha separação, desemprego, e quando eu volto ainda descubro que meu pai tinha um câncer de bexiga* — lembra Fernanda, que para se manter firme recorreu à fé, com promessas a Santo Antônio, padroeiro que escolheu como seu protetor.

Em 1983, durante uma conversa com o pai, Fernanda fica sabendo de um edital para um curso que buscava engenheiros para atuarem no Ministério do Trabalho. Decide, então, fazer a prova. O resultado da aprovação saiu em novembro, a essa altura toda a família já havia se mudado de Ribeirão Preto para São Paulo.

— *Eu ainda não sabia que era para ser auditora-fiscal. Achava que era para ser engenheira. Falei para o meu pai: 'Eu não vou ficar'. Mas ele disse: 'Filha, fica. Mulher e no serviço público, é uma garantia.' Aquela visão, mas tomei posse. Recebi a carteira de fiscalização sem treinamento, sem nada.*

Àquele momento, também se dava o reabertura política (1979-1985), a qual passou a favorecer o aparecimento de organizações como a Central Única dos Trabalhadores (Cut), que passou a atuar em conjunto com o Ministério do Trabalho demandando a fiscalização do trabalho. Aí estaria o ponto de virada para Fernanda.

— *Aquilo me deu um start. Comecei a conviver com os sindicatos, com os sindicalistas, A Cut era, para mim, inspiradora dentro do movimento dos trabalhadores. Comecei a fazer coisas que ninguém queria fazer. Com a abertura política, começamos a ousar e a enfrentar, porque o Ministério do Trabalho fazia intervenção na*

maior parte dos sindicatos, e a gente começa a quebrar isso.

É nesse momento que, junto de um colega médico, Fernanda decide não mais apenas receber e relatar as demandas que chegavam a sua seção, mas colaborar em um projeto que pudesse mudar essa realidade.

— Esse colega propôs que invés de virem os acidentados até nós, vamos antes fazer uma prospecção de riscos que podem levar ao adoecimento dos trabalhadores. Eu topei. Era algo novo e que me estimulava.

Como parte das estratégias, deveriam eleger um agente químico para que o mapeamento de riscos pudesse ser feito. Nesse momento, Fernanda se lembrou de uma experiência em uma fábrica que produzia EPIs com tecidos à base de amianto que se fixou em sua memória:

— O senhor não tem medo desse material com amianto? Esse produto é tido como nocivo — perguntou Fernanda ao se aproximar daquele trabalhador.

— Ah, há uma empresa aqui que está querendo forçar a troca por um outro material que eu não conheço. Eu prefiro o demônio que eu conheço.

Foi a partir de então que a auditora-fiscal passou a se aprofundar no tema do amianto e a soltar os nós que passou a encontrar nessa história.

— Quando começamos a estudar, descobrimos que o amianto era utilizado em três mil tipos de produtos industriais e que o Brasil era um dos maiores produtores. Mas quando fui atrás de uma literatura, percebi que era uma literatura com viés, produzida pela indústria para provar que, apesar de dizerem que fazia mal, não havia problema nenhum. Aquilo foi me incomodando.

Era o ano de 1985, quando o grupo começou a criar o esboço do projeto, nomeado como Grupo Interinstitucional do



Asbesto, que seria implementado no ano seguinte. Em paralelo a isso, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) lançava em 1986 a Convenção nº 162, que previa uma série de normas e recomendações acerca da presença de amianto no ambiente de trabalho[43].

— *A gente comemorava a democracia. Quando a OIT aprovou a convenção para o uso do amianto em condições de segurança ela exigia que lavassem as roupas dos trabalhadores na fábrica para não contaminar as famílias, exigia medidas de poeira com frequência e que, quando o trabalhador fosse demitido, até 30 anos a empresa estaria obrigada a fornecer exames para acompanhar a saúde deles. Essa convenção veio a calhar porque foi justo quando íamos começar grupo.*

A atuação do Ministério do Trabalho dentro das fábricas forçou com que medidas de controle de exposição à poeira do amianto fossem implementadas.

— *Quando o médico do trabalho* [da Eternit] *mandava você tirar a radiografia para despedir da firma, você estava apto, não tinha nada. Mas quando você ia entrar numa firma, os caras não queriam nem você por perto. Eles não vão falar que você está doente. Aí o Ministério do Trabalho entrou na história. Aí começou a mudar tudo. Aí o bicho pegou. Ninguém usava máscara, não se preocupava com perigo. Aí você tinha que usar. Tivemos que fazer várias alterações ali. Mudou tudo. O Ministério* [do Trabalho] *demorou muito, foi só quando lá fora proibiram a ameaça que veio para cá* — lembra Jeto dos Santos.

A partir do que estabelecia a OIT, o Grupo Interinstitucional do Asbesto passou a acompanhar nove fábricas de fibro-

43 Disponível em: <https://normlex.ilo.org/dyn/nrmlx_en/f?p=NORMLEXPUB:12100:0::NO::P12100_INSTRUMENT_ID:312307>

cimento em São Paulo.

— *Começamos a fiscalizar e dar as devolutivas de como estavam as condições das fábricas. Havia fábricas que estavam muito ruins, e chegamos a interditar, nos baseando numa possível regulamentação da convenção. O Brasil promulgou a convenção muito rápido. A indústria temia que sem isso o banimento iria começar a prosperar.*

A OIT também previa uma estrutura tripartida, na qual as discussões sobre as normas e políticas trabalhistas deveriam ser feitas envolvendo o governo, os trabalhadores (por vezes representados na figura dos sindicatos) e o empresariado. Ao se deparar com um cenário em que a influência das indústrias se sobressaía nos acordos, Fernanda resolveu romper com as atividades do grupo.

— *Pensei que esse tripartismo não existia. Havia pessoas cooptadas, fazendo o jogo da empresa. Comecei a me afastar e decidi que não ia mais mexer com a história do amianto.*

Entre 1990 e 1992, então, Fernanda voltaria sua atenção aos problemas da radiação — chegou inclusive a participar da fundação da Associação Nacional dos Trabalhadores da Produção de Energia Nuclear (ANTPEN).

***

Era o ano de 1992, e a cidade do Rio de Janeiro sediava a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento — aquele seria um marco das discussões ambientais entre os cinco continentes e do estabelecimento do conceito de desenvolvimento sustentável.

Na ocasião, Fernanda Giannasi participou do evento ao lado de outros grupos que tratavam a questão radioativa — era o

caso de movimentos que surgiram em Chernobyl, na Ucrânia, Atol de Mururoa, na França, e em Cuba, que ajudou a tratar dos irradiados do mais grave acidente radiológico do Brasil ocorrido em Goiânia no ano de 1987.

— *Na Rio-92, o Carlos Minc* [então deputado estadual do Rio de Janeiro] *estava fazendo um escândalo no aterro do Flamengo porque todos aqueles stands eram de amianto. Ele chamou a imprensa e fez um estardalhaço. Eu quis me aproximar dele.*

Dali em diante, a engenheira passou a estar cada vez mais envolvida nas propostas pelo banimento do amianto.

— *O Minc me chamou para ajudar a fazer um projeto de lei. A princípio, pensávamos em banir o amianto em todo o Brasil, mas não foi possível porque lá em Brasília criou-se uma bancada da crisotila. Tudo ia parar na comissão especial, que foi presidida pelo Ronaldo Caiado* [atual governador de Goiás]. *A bancada da crisotila assumia e engavetava.*

Àquele momento, os ativistas pró-banimento tiveram de mudar as estratégias. As ações precisariam começar localizadas para então serem ampliadas.

— *Sabe como formiguinhas? Começaram a fazer leis municipais, audiências públicas, depois leis estaduais para então chegar ao banimento nacional.*

***

Àquele momento da demolição da Eternit, Fernanda representava a ação do estado de São Paulo, mas acabou sendo transferida para Osasco em uma espécie de punição devido a sua atuação nas fábricas do setor nuclear.

— *Eu estava enchendo o saco deles. Havia uma lista de persona non grata dos órgão públicos e meu nome estava lá, escrito à*

mão. Quando eu chego em Osasco, eu descubro que estou grávida durante o processo da demolição. A punição foi excelente porque consegui organizar os ex-empregados doentes e encaminhá-los para os exames médicos na Fundacentro.

Certo dia, enquanto subia um lance de escadas do sindicato onde ocorriam as reuniões ouviu um comentário de Fernando que a marcou:

— Nós dois estamos com falta de ar. Mas você leva uma vida aí dentro, e eu levo a morte — disse Fernando José Chierici, primeiro presidente da Abrea. Chierici trabalhou por 32 anos na Eternit de Osasco e morreu por asbestose em 2003.

O atuação de Fernanda na defesa dos trabalhadores e na luta pelo banimento do amianto a alçou a uma posição de destaque. Em 2001, foi capa da revista Época, da *Editora Globo,* em uma matéria assinada pela jornalista Eliane Brum. Vestida com um blazer alaranjado e com os braços cruzados, Fernanda aparece à frente da colagem de fotos com os rostos de trabalhadores acometidos dos DARs. O título assinala sua trajetória: *"Fernanda Giannasi: uma mulher de combate"*.


MEMORIAL
DAS VÍTIMAS DO AMIANTO
- CENTRO -
ROGÉRIO LINS
PREFEITO



Memorial das Vítimas do Amianto locazidado na Praça do Expedicionário Mário Buratti, em Osasco, próximo do local onde funcionava a Eternit. Ao centro, a árvore-pulmão, escultura de 7 metros construída pelo artista plástico Wagner Hermusche, representa a vida. Logo atrás, uma placa com mais de 600 nomes dos mortos por doenças provocadas pelo amianto. (Foto: Aldrey Olegario)

5.

OS RASTROS

"O AMIANTO SOBREVIVE DA IGNORÂNCIA DAS PESSOAS E DO NEGACIONISMO DOS GOVERNOS"

Pedro Lombardi Filho

Durante as enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul em 2024, houve uma cena em particular que capturou a atenção da pesquisadora Eliana Guimarães Félix. Em meio à pressa para resgatar um cachorro que estava ilhado, uma pessoa começou desferir golpes nas telhas à base de amianto sobre a qual estava o animal e quebrá-las aos pedaços. "As telhas de amianto estavam ali, em diversos telhados, e isso tudo foi revirado pelas enchentes, por conta das mudanças drásticas de clima", diz a pesquisadora da Fiocruz.

A destruição de construções é uma marca característica deixada pela passagem de eventos climáticos extremos. Enchentes, ciclones, queimadas viram os cenários do avesso. É aí que tem morado a preocupação de pesquisadores em relação ao amianto. Todo o material à base de amianto que fora instalado nas moradias fica sem rumo. Diante da necessidade de um resgate ou do anseio por se livrar daquelas cenas de destruição, os perigos ocultos presentes naquele ambiente acabam, naturalmente, sendo a última das preocupações das populações atingidas.

"As mudanças climáticas são grandes catalisadores da proliferação das fibras. A primeira coisa que se solta quando há uma catástrofe são as telhas, que voam e se despedaçam. Quando é feita toda essa parte de recolhimento do material, está todo mundo ali respirando. Isso é um grande problema", avalia Pedro Lombardi Filho, engenheiro civil e pesquisador do Instituto de Estudos Avançados da USP (IEA-USP).

As alterações no clima têm exigido uma série de protocolos de ação para com as diferentes formas de risco apresentadas nessas situações — e o amianto seria incluído nessa discussão. "O que é preciso é um plano de contingência que reconheça que essas situações vão se repetir ao longo dos anos. Está na hora do Brasil aceitar que nós entramos na era das catástrofes. Ao se desobstruir as vias para a passagem de ambulância, do socorro, é preciso evitar que as coisas piorem. Onde será jogado o material usado na limpeza? Infelizmente, o pessoal acaba jogando isso em aterros sanitários, o que é péssimo, porque eles não estão preparados para receber material perigoso, e o amianto é considerado um material perigoso", diz o pesquisador do IEA-USP.

Mas a questão das mudanças climáticas é apenas uma das peças do quebra-cabeça de preocupações acerca dos passivos ambientais do amianto.

***

Se por um lado indústrias do amianto deram conta de finalmente substituir as fibras por outras matérias-primas, por outro, na prática, seria difícil fazer com que as milhões de casas e construções que utilizaram materiais à base de amianto tivessem condições de fazer o mesmo — mais de 25 milhões de residências possuíam telhas de cimento-amianto em 2015[44]. No caso das construções mais recentes, o processo é mais simples. Agora, no caso de construções antigas e localizadas longe das áreas valorizadas o desafio seria maior. Em outras palavras, é como dizer que o risco

44 Algranti E, Ramos-Bonilla JP, Terracini B, Santana VS, Comba P, Pasetto R, Mazzeo A, Cavariani F, Trotta A, Marsili D. Prevention of Asbestos Exposure in Latin America within a Global Public Health Perspective. Ann Glob Health. 2019.

de exposição ao amianto pelos passivos ambientais não está distribuído da mesma forma para os brasileiros.

Em um artigo sobre a presença das telhas de cimento-amianto em moradias de baixa renda no Brasil, Pedro Lombardi Filho e Wanda Günther, também engenheira civil, analisam os riscos característicos desse contexto[45]. "Infelizmente, em construções qualificadas como precárias a pessoa que construiu não teve muita orientação técnica sobre ventilação cruzada ou estanqueidade. Essa falta de ventilação e a umidade permanente acelera o processo de desgaste da telha de cimento-amianto. Nas casas construídas com materiais mais precários, o tempo médio que uma pessoa fica exposta, respirando essas fibras, é de15 a 20 anos. O que isso vai causar nessas pessoas? Isso deveria ser mapeado e dado a devida importância", explica o pesquisador.

Há algo outro aspecto a que o engenheiro civil chama a atenção: a mistura de cimento-amianto foi divulgada como resistente e atrativa devido às propriedades do amianto, mas, a longo prazo, quando se olha para as propriedades do cimento, as coisas ganham outros contornos. "O amianto é um mineral que realmente tem propriedades muito boas. O amianto vai se preservar, mas o cimento não. Enquanto a fibra está colada no cimento, ela está parada. Mas a partir do momento que o cimento vai se degradando, as fibras vão se soltando. Isso pode se soltar na atmosfera, mas também dentro do ambiente fechado, que é a casa da pessoa", pontua.

Também não se trata de, a qualquer modo, todos resolverem tirar os materiais de amianto das próprias casas — os efeitos da retirada inadequada podem piorar tanto o cenário de

45 LOMBARDI FILHO, Pedro; GÜNTHER, Wanda. Risco no uso de telhas de cimento-amianto em moradias de baixa renda no Brasil. 32º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental, 2023.

saúde pública quanto o ambiental. "O passivo ambiental está aí. Essa é uma grande questão e não dá para simplesmente sair retirando esse amianto. É um risco que nos deixa muito desconfortáveis em relação ao que podemos enfrentar pela frente", diz a pesquisadora da Fiocruz Eliana Guimarães Félix.

"Há muito amianto espalhado pelo Brasil inteiro. Sem controle, sem vigilância. Nós não temos um inventário nacional para saber onde está o amianto; em que situação está o amianto nas comunidades, nas residências; que formas de controle e monitoramento nós temos. Isso não existe. Então, o que a gente vai fazer ao longo do tempo é contabilizar as doenças que vão aparecendo em função disso", avalia Hermano Castro.

Soma-se a isso que o Brasil não possui aterros industriais classe 1 (destinado a resíduos perigosos que oferecem risco à saúde pública e ao meio ambiente) com capacidade suficiente para receber toda a quantidade de materiais à base de amianto que foi produzida nos últimos anos.

Entre 2012 a 2017, a média anual de produção de materiais de cimento-amianto no Brasil foi de 1,42 milhões de toneladas, mas a geração de resíduos de cimento-amianto, ou seja, dos materiais que foram destinados ao descarte de resíduos perigosos, foi de apenas 17,2 mil toneladas[46]. "Há uma discrepância enorme entre o que foi produzido e o mínimo que foi descartado corretamente. A outra parte desse bolo de material de cimento-amianto entra para conta do ambiente, porque está em lugar irregular", explica Pedro Lombardi Filho.

Entre as estratégias que vêm sido desenvolvidas por pes-

46 LOMBARDI FILHO, Pedro. Gestão de pequenos volumes de materiais de cimento-amianto no Brasil: do uso aos resíduos. São Paulo : Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, 2022, p. 98-99.

quisadores para tratar a questão do passivo ambiental do amianto estão a inertização do mineral (tipo de decomposição térmica que torna o amianto inerte) e as políticas de desamiantagem.

***

Em 2025, pesquisadores da Fundacentro, sob coordenação da tecnologista Valéria Ramos Soares Pinto, lançaram o relatório técnico *Subsídios para a elaboração de uma Política Nacional para Gestão dos Materiais Contendo Amianto instalados*[47], que focou a proteção da saúde dos trabalhadores envolvidos na remoção e manejo dos materiais com amianto. Esse material e outras cartilhas produzidas pela instituição visam desenvolver uma política nacional de desamiantagem, a qual envolve estratégicas para a remoção desse material, bem como a conscientização de trabalhadores e população expostos ao mineral.

"Entendo que esse ainda é um perigo que está em silêncio. O amianto sobrevive da ignorância das pessoas e do negacionismo dos governos", diz Pedro Lombardi Filho. "A cultura e o marketing do amianto foram muito bem feitos pelas empresas. Então, os autoconstrutores, o pessoal que constrói a própria casa, ainda gostam do cimento-amianto, também por sua resistência, mas ele é péssimo para a saúde. Com o reuso, infelizmente, esses materiais ainda são comercializados informalmente."

O pesquisador avalia que o caminho para a desamiantagem passa pela adoção de uma política nacional estruturada, com diretrizes específicas, fiscalização e com prioridades bem estabelecidas. "Se não existir um governo dizendo que ali real-

47 Disponível em: <https://www.gov.br/fundacentro/pt-br/centrais-de-conteudo/biblioteca/publicacoes-institucionais>

mente há um problema, as coisas se perdem. Ao longo do tempo, as telhas vão ter que ser removidas. Sabemos que isso vai acontecer. Precisa haver um mapeamento de risco, saber onde estão os pontos mais vulneráveis, e com isso iniciar um processo de remoção dos materiais de cimento-amianto."

Algumas ações do tipo têm sido tratadas pelo país. Um exemplo pioneiro foi a lei 10.607/2019 de Florianópolis, em Santa Catarina, que obriga os órgãos de sua administração direta ou indireta a substituir os materiais contendo amianto e prevê a comprovação da inexistência do mineral em construções ou reformas[48]. "A história do amianto é uma batalha. Não é porque baniu o amianto que acabou o problema no país", diz Filho.

***

Mas como fica a situação de Minaçu, em Goiás, onde a extração e o beneficiamento do amianto para exportação foram retomados em 2019 a partir da lei sancionada pelo governador Ronaldo Caiado? Como estabelecer discussões sobre desamiantagem com esses 27 mil habitantes enquanto a exploração da mina de Cana Brava continua sendo fonte de exposição ocupacional e ambiental a um agente reconhecidamente cancerígeno?

"Houve o banimento, mas há uma lei estadual que garante a produção de amianto. Temos uma Adin [Ação Direta de Inconstitucionalidade] contra essa lei. Não pode haver uma lei do estado que fique acima da lei do país. Isso é uma irregularidade", diz Hermano Castro, sobre a Ação Direta de Inconstitucio-

48 Disponível em: <https://www.gov.br/fundacentro/pt-br/centrais-de-conteudo/pesquisa-intervencao/impactos-da-desamiantagem-1>

nalidade 6200 de 2019 que está sendo julgada no STF.

"A extração em Minaçu está totalmente ilegal. Conheço algumas pessoas do Ministério Público e eles dizem que eles não estão atuando lá, porque, para eles, ali não existe, porque é ilegal aquilo. É uma lei estadual que se sobrepôs a uma lei federal. O Ministério Público do Trabalho não está atuando ali. A gente não sabe o que está acontecendo lá dentro, se os trabalhadores estão realmente utilizando todos os equipamentos de segurança adequados. E mesmo se estivessem utilizando, a OMS diz que não existe limites de tolerância para a pessoa estar ali inalando fibras de amianto", diz Pedro Lombardi Filho.

"O amianto não sai da mina e pula para dentro do navio. Até chegar ao Porto de Santos, ele é transportado por estados que inclusive baniram o amianto, como é o caso de Minas Gerais e São Paulo", diz Fernanda Giannasi.

A professora de direito da FGV Olívia Pasqualeto aponta que a situação de Minaçu é complexa e alvo de debates jurídicos que envolvem tanto a constitucionalidade da lei quanto o cenário de dependência do beneficiamento do crisotila que criou-se ali.

"O STF permite a proibição nacional do uso do amianto e entende que são constitucionais as leis que proíbem o uso nas cidades, nos estados. Ao mesmo tempo, talvez essa decisão do STF também deixe margem para esse tipo de brecha, quando se diz que não é uma questão nacional, que seria para exportação. A dependência econômica de cidades, de comunidades inteiras, em relação à extração do amianto também fala alto. É muito difícil que essa situação se resolva sozinha, sem apoio de algum tipo de governo, algum tipo de política pública. Se deixarmos essa decisão só para duas partes, uma que explora e se beneficia muito da atividade econômica, que são as empresas, e do outro

lado trabalhadores, comunidades completamente dependentes, muito dificilmente o resultado vai ser outro. Os trabalhadores e as comunidades ficam vendidos, de mãos atadas, porque é o que tem", explica ela.

Para quem foi obrigado a lidar com as consequências de ter sido exposto ao amianto, é difícil aceitar que o mineral tenha ganhado uma segunda chance:

— *Só quem não passou pelo problema é que não sabe, mas eles estão matando as pessoas que estão lá dentro. Se eu tivesse uma condição de chegar lá e dizer: 'Fecha isso', eu teria feito* — diz Devanir.

A VERDADEIRA MARCA DA CORUJA

Naquele dia de reunião da Abrea, os associados aguardavam atentos por novas informações sobre o andamento da ação judicial coletiva iniciada pela associação com os casos passados em que a decisão foi favorável a Eternit. Somaram-se a esse grupo os casos de demais trabalhadores da região que desenvolveram doenças relacionadas ao amianto recentemente. A lista é composta por cerca de 50 nomes, entre pessoas que vivem com DARs ou que morreram em decorrência destas. As fábricas foram encerradas, mas as histórias humanas que surgiram a partir dali continuaram.

A Abrea completa 30 anos em 2025. A data de celebração deste marco será comemorada com uma Salva de Prata na Câmara Municipal de São Paulo e em uma festa para os associados.

— *O papel da Abrea foi trazer à cidade o conhecimento de que ela havia abrigado uma serpente, que traiu a todos* — diz Fernanda.

— *É uma luta de 30 anos. A Abrea é pioneira, e está sustentando isso ainda. O que existe da Abrea hoje é resultado do que nós fizemos quando construímos um movimento. O nome disso é legado* — diz Eliezer.

No momento em que este material foi produzido, o STF votava a Ação de Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 6200 que poderia estabelecer o fim definitivo do amianto no Brasil, caso a lei goiana que autoriza a extração e beneficiamento do mineral em Minaçu fosse considerada inválida. O placar de votos estava em 3 a 2 para que a atividade da mina de Cana Brava fosse encerrada gradualmente. O ministro Alexandre de Moraes, relator, votou para que o prazo de encerramento das atividades fosse feito em dois anos. Os ministros Gilmar Mendes e Nunes Marques, também votaram pelo encerramento, mas dentro de um prazo de cinco anos. Os votos para a suspensão imediata foram de

Rosa Weber, já aposentada, e Edson Fachin. Mas a decisão acerca da ação ajuizada em 2019 foi postergada mais uma vez, com o pedido do ministro André Mendonça de mais tempo para analisar o processo — prazo que pode se estender até 90 dias. Depois disso, ainda votam os ministros Cristiano Zanin, Cármen Lúcia, Dias Toffoli e Luiz Fux. Enquanto isso, os trabalhadores e a população de Minaçu ao redor da mina seguem expostos aos efeitos do amianto, e o Brasil segue exportando aquilo que ele próprio não se permite ter a outras nações que ainda não tiveram a oportunidade de discutir o banimento do amianto com afinco.

E quando a decisão pela paralisação da mina de Goiás se confirmar, o Brasil ainda terá de encarar de vez os passivos ambientais do amianto, levando em consideração também os casos adoecimentos que levarão anos a aparecer. Brasileiros ainda morrem por doenças relacionadas ao amianto. Em 2024, foram registradas 16 mortes por pneumoconiose causada pelo amianto no Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), do Ministério da Saúde, conforme resposta obtida via Lei de Acesso à Informação. Entre janeiro e setembro de 2025, foram mais 13 mortes por pneumoconiose causada pelo mineral. E ainda há de se considerar a subnotificação, com os casos de adoecimento e morte que ocorrem em meio ao silêncio e a dúvida fabricada pelo empresariado do amianto.

A Eternit não especifica qual é a espécie de coruja que deu origem ao mascote da marca em 1978. Mas pela forma como cavucou o solo, para enfiar gente ou extrair o mineral, talvez seja a coruja-buraqueira.

REFERÊNCIAS

Algranti E, Ramos-Bonilla JP, Terracini B, Santana VS, Comba P, Pasetto R, Mazzeo A, Cavariani F, Trotta A, Marsili D. Prevention of Asbestos Exposure in Latin America within a Global Public Health Perspective. Ann Glob Health. 2019

AMARAL, Arthur P. Com o peito cheio de pó:uma etnografia sobre a negação do adoecimento de trabalhadores do amianto na cidade de Minaçu (GO). Universidade Federal de Goiás, 2019.

BARBOSA, Fábio M. T. Imperialismo e produção do espaço urbano: a indústria do amianto e a construção da cidade de Minaçu - GO. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BENAION. Patrick B. Das Telhas às Cortes: A história do amianto no Brasil e os conflitos pelo banimento. Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: https://arca.fiocruz.br/items/69cae6ca-1c5b-4efe-8f7c-c778da01e2b7

BRASIL. Amianto, câncer e outras doenças: você conhece os riscos? Ministério da Saúde, INCA, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://ninho.inca.gov.br/jspui/bitstream/123456789/12742/1/Amianto-%20Cancer-e-outras-Doencas-2020.pdf

BRASIL. Diretrizes brasileiras para o diagnóstico do mesotelioma maligno de pleura. Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: https://d1xe7tfg0uwul9.cloudfront.net/sbpt-portal/wp-content/uploads/2021/08/Resumo-Diretriz-Nacional-sobre-diagn%C3%B3stico-de-mesotelioma-2021.pdf

BRASIL. Saúde Brasil 2019: Uma análise da situação de saúde com enfoque nas doenças imunopreveníveis e na imunização. Ministério da Saúde, Brasília, 2019. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_brasil_2019_analise_situacao.pdf

BUDÓ, Marília N. Danos silenciados: a banalidade do mal no discurso científico sobre o amianto. Revista Brasileira de Direito, 2016.

CAREX Estimativas. Disponível em: https://public.tableau.com/app/profile/augusto.campos/viz/Carex-Estimativas/CarexBrasil

CASTRO, Hermano. GIANNASI, Fernanda. A luta pelo banimento do amianto nas Américas: uma questão de saúde pública. Ciência & Saúde Coletiva, 2003.

CETESB. Ficha de Informação Toxicológica do amianto. 2024. Disponível em: https:// cetesb.sp.gov.br/aguasinteriores/wp-content/uploads/sites/24/2020/08/Amianto_Asbesto.pdf

COMEXMIN. Disponível em: https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiMDVkYzJhMDUtYTFkMi00NTlkLTk1OTEtNDk4M2E0YzJmNWE4IiwidCI6ImEzMDgzZTIxLTc0OWItNDUzNC05YWZhLTU0Y2MzMTg4OTdiOCJ9

Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. Dossiê Amianto Brasil, 2010. Disponível em: https://www.abrea.org.br/not%C3%ADcias/publica%C3%A7%C3%B5es/102-comiss%C3%A3o--do-meio-ambiente-e-desenvolvimento-sustent%C3%A1vel-cmads-da-c%-C3%A2mara-dos-deputados-dossi%-C3%AA-amianto-brasil.html

CUT. Eternit e o grande julgamento do amianto, 2012. Disponível em: https://www.fenprof.pt/media/download/14575B8EF0177A-1D08726AEDD21CDCE0/livro-20novo.pdf

FÉLIX, Eliana G.; GOMES, Luciana; WAISSMANN, William. Invisíveis no trabalho e na saúde: exposição ocupacional de mulheres ao amianto na região de Pedro Leopoldo-MG, Brasil. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, 2025.

FÉLIX, Eliana G. Itinerários (im)possíveis da saúde e trabalho de homens e mulheres expostos ao amianto na região de Pedro Leopoldo-MG. 2023. 218 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública)

- Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2023.

GONTIJO, Conrado A. C. Lobby : estudo de direito comparado e necessidade de regulamentação do instituto no ordenamento jurídico brasileiro. Universidade de São Paulo, 2019.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Cadernos de pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 132, 2007.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. Mesotelioma. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document//folder-sobre-mesotelioma.pdf.

LIMA, Edvaldo P. Páginas ampliadas o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: Ed. da Unicamp. 1993.

LIMA, Edvaldo P. O que é livro-reportagem. São Paulo: Brasiliense. 1993.

LOMBARDI FILHO, Pedro. Gestão de pequenos volumes de materiais de cimento-amianto no Brasil : do uso aos resíduos. São Paulo : Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, 2022. Tese de Doutorado em Saúde Global e Sustentabilidade.

LOMBARDI FILHO, Pedro; GÜNTHER, Wanda. Risco no uso de telhas de cimento-amianto em moradias de baixa renda no Brasil. 32º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental, 2023.

MARTINS, Cláudio; SANTOS, Paulo; PALHINHA, Paulo; SERRA E SILVA, Luís. Segurança e saúde na construção: amianto e substâncias perigosas. Universidade de Coimbra, 2011.

MAZZEO, Agatha. Dust Inside: Fighting and Living with Asbestos-Related Disasters in Brazil.
Berghahn Books, 2021.

MEDINA, Cremilda. Entrevista: o diálogo possível. São Paulo: Atica, 2008.

MEIRELLES, Gustavo SP; KAVAKAMA, Jorge I; RODRIGUES, Reinaldo T. Imagem nas doenças ocupacionais pulmonares. Jornal Brasileiro de Pneumonia, 2006. Disponível em: https://jbp.org.br/Content/imagebank/ pdf/Suple_52_17_12capitulo%2012.pdf

MENDES, René. Asbesto (amianto) e doença: revisão do conhecimento científico e fundamentação para uma urgente mudança da atual política brasileira sobre a questão. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2001.

MOURA, Marina. Eternidade: a construção social do banimento do amianto no Brasil. São Paulo, 2019.

OLIVEIRA. Sérgio LS. O grupo (de esquerda) de Osasco: movimento estudantil, sindicato e guerrilha, 2011. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-25062012-164453/publico/2011_SergioLuizSantosDeOliveira_VOrig.pdf

PINTO, Valéria R. S.; GARCIA, Leila P.; LORENZI, Ricarcod L. GIANNASI, Fernanda. O Banimento do amianto no Brasil e os desafios para as políticas em desamiantagem. Mercado de Trabalho: Conjuntura e Análise. Brasília, v. 29, n. 76, p. 121-137, out. 2023.

RAILE, Vilton. Asbesto y Medio Ambiente No Ocupacional: Presentación de Datos Preliminares de Alteraciones Radiológicas en Cónyuges de Ex Trabajadores de una Industria de Fibrocemento Del Municipio de Osasco. Ciencia & Trabajo, v.10, n. 28, 2008.

SILVEIRA, Alexandre M.; BUDÓ, Marília N. Nuvem de poeira: a experiência das vítimas ocupacionais e ambientais da indústria do amianto em Osasco-SP. Revista Brasileira de Ciências Criminais, 2021.

O livro-reportagem ***O amianto que restou em nós: histórias da primeira fábrica da eternit no Brasil*** aborda casos de exposição ocupacional e ambiental ao amianto ocorridos em razão da atividade da Eternit, fabricante de materiais à base de cimento-amianto que esteve em atividade no município de Osasco, São Paulo, entre 1941 e 1993. Estão reunidos neste trabalho relatos de ex-trabalhadores e de seus familiares sobre o impacto do desenvolvimento de doenças relacionadas ao amianto em suas vidas. Ainda, estão descritas as estratégias usadas pelo empresariado do amianto para prolongar o uso do agente reconhecidamente nocivo.

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO